

REVISTA **BZZZ**



ANO 8 | Nº 94 | MAIO/JUNHO 2021

MILTON MARQUES

Memória do Menino do Poré

SERÁ?

Estudo indica contradição no ambiente do massacre de Cunhaú



EDILSON VARELA

Potiguar a quem Chatô confiou instalar jornal e emissora de TV em Brasília

TURISMO

A incrível Rota das Emoções

FESTA DO CAJU

Acontecimento dos anos 60 e 70

RECEITA

Lalarilar no Arraiá das Saudades

BELEZURA

DONO DE MUITAS HABILIDADES, O BADALADO CABELEIREIRO GETÚLIO SOARES CHEGA A 50 ANOS DE PROFISSÃO SEMPRE IRREQUIETO. SEM MEDO DE SE REINVENTAR, É O ÚNICO QUE CARREGA O TÍTULO DE “TESOURA DE OURO” NA TERRA DE CÂMARA CASCUDO. EM CONVERSA COM A BZZZ, CONTA TAMBÉM SOBRE DOTES CULINÁRIOS E HILARIDADES QUE SÓ COM ELE ACONTECEM



EU COOPERO COM A
**ECONOMIA
LOCAL**

Aproveite toda essa praticidade para seguir cooperando e comprando de negócios próximos de você.

São muitas formas de pagar com o Sicredi.

Como você prefere?

Escolha a que traz mais facilidade e conveniência para o seu dia a dia. Tenha mais liberdade e segurança para pagar onde e como quiser. **A escolha é sempre sua.**



- Pagamento por Aproximação
- Débito e Crédito



- QR Code
- Carteiras Digitais
- Pix



- Smartwatch



- Compras on-line

Siga-nos nas redes sociais e saiba mais.



@sicrediriograndedonorte

Sede Sicredi RN: (84) 4009 3535

SAC Sicredi: 0800 724 7720

Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525

Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

[sicredi.com.br/riograndedonorte](https://www.sicredi.com.br/riograndedonorte)



Sicredi

O cadastro das chaves Pix já pode ser realizado no aplicativo Sicredi. Consulte horário de funcionamento e aplicativos habilitados em www.sicredi.com.br/pix.

Para saber mais sobre as carteiras digitais disponíveis, acesse www.sicredi.com.br.

SAC - 0800 724 7720 / Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525. Ouvidoria - 0800 646 2519

Temos muito PRA CONTAR

História. Memória. Recordação. Descoberta. Redescoberta. Palavras que definem nosso maior foco em cada edição da Bzzz. Resgatamos personalidades e patrimônios históricos que marcaram época e deixaram imensa contribuição para o futuro que permanece. E neste número o historiador Ivan Lira de Carvalho traz mais um relato de vida e obra de um gigante potiguar: Edilson Cid Varela, que deixou considerável legado na transformação do cenário da comunicação nacional. Foi a ele que Assis Chateaubriand confiou criar, instalar e colocar para funcionar um jornal e uma emissora de televisão no dia da inauguração de Brasília, a nova capital do País, no dia 21 de abril de 1960. Vale ler atento cada parágrafo.

Instigou-me o trabalho de conclusão de curso do profissional de turismo Thiago Oliveira. Remete à história que muda o cenário onde aconteceu o terrível massacre de Cunhaú, em 16 de julho de 1645. Assim, solicitei a ele um resumo para esta colmeia. Prontamente atendida. Nossa Lalarilar Milena Neves traz deliciosas recordações de um tempo junino com muita animação e saia rodada. O jornalista-viajante Gilson Bezerra nos presentearia com a Rota das Emoções, trecho que vai do litoral de Jericoacoara, no Ceará, ao maranhense Barreirinhas. Afe! Que demais!

Minervino Wanderley volta aos áureos anos 1960 e 1970 – tempo que durou além desse período – para contar sobre a Festa do Caju, que muito movimentou verões no Clube da Redinha, única construção à época tolerada pelos moradores e veranistas naquela linha de frente para o mar. São muitas histórias ali reunidas. De Mossoró, Geovânia Gomes chega contando sobre a vida e a obra do médico e empresário Milton Marques de Medeiros, a partir do livro *O Menino do Poré*, organizado pela jornalista e escritora mossoroense Lúcia Rocha. Grandes momentos do *Dèjà Vu*.

E resgatamos matérias de fatos históricos que estamos retomando neste período de pandemia, selecionadas a pedidos. Na minha coluna, indico as novas, principalmente em hospedagem e gastronomia, dois setores que muito aprecio.

Jogue-se nesta colmeia de boas letras.

Boa leitura

Eliana Lima - Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznoticias.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

AURA MAZDA, GEOVÂNIA GOMES,

GILSON BEZERRA, IVAN LIRA DE CARVALHO,

MILENA NEVES, THIAGO OLIVEIRA

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA

JÁ FEZ A CARTEIRA DE ESTUDANTE 2021?



DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA:

- RG • CPF • R\$ 25,00*
- Cadastro atualizado.

ADQUIRA A SUA:

✓ **Postos NatalCard**
(receba na hora)

✓ **App Meu NatalCard**
(receba em casa)



BAIXE JÁ O APP
Meu NatalCard



✓ **Portal do Estudante**
PORTALDOESTUDANTENATAL.COM.BR

*A Lei Federal Nº 12933/2013, garante o benefício do pagamento de meia-entrada para estudantes, pessoas com deficiência e jovens, de baixa renda, com idade entre 15 e 29 anos.



MEIA
ENTRADA



MEIA
PASSAGEM



RECARGA
ON-LINE



CLUBE DE
DESCONTOS





O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, a beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chales, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br



ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EBA!

Que o chef Haroldo Varela reabriu a maravilhosa Casa Haroldo, que funciona na sua residência, para receber grupos de

12 a 26 pessoas, com agendamento prévio. Aí é certeza de uma ocasião deliciosa e agradável, no capricho que só ele saber fazer acontecer.

E também continua com o serviço de delivery, com cardápio que varia a cada dia, que ele informa por WhatsApp – (84) 99916-8688 – ou no perfil do Instagram: @haroldo_varela.



Uau!

Que gostei por demais do Restaurante Navarro, no Hotel-Escola Senac Barreira Roxa. Idem o bar, Teófilo, com vista privilegiada para o mar da Via Costeira.

Melhor ainda agora, com novas delicias no cardápio, assinadas pelo chef Jonatã Canela. Jogue-se em gigantes ostras frescas, cruas ou gratinadas com queijo. Provei a aprovei o bun de camarão, o ceviche de polvo com leve sabor de cajú, o polvo confitado, o filé de Angus com purê de ervilha e pickles de nabo e cebola roxa; o camarão VG com o pesto que só ele sabe fazer. E mais.



Gente!

Impressionada como o Espaço Mix está há tanto tempo em São Miguel do Gostoso, desde 2007, no mesmo lugar, da rua à areia da praia, e consegue ficar cada vez melhor. Um templo rústico e charmoso com mix de arte, bar, restaurante e tabacaria, com cardápio de petiscos e pratos à carta de bebidas, da cerveja estupidamente gelada a drinques.

As pizzas são perfeitas. E pode começar com o ceviche dos melhores que provará. Todos os pratos são demais. Sem falar na boa música. E no projeto Radiola Mix, em que o proprietário-dj Sebah solta o som nas noites de quinta-feira.

E agora melhor: com a @napraia-brasilpousada.



Huummmm

Falar em pousada em Gostoso, eita como gosto da Ello, excelente custo-benefício com opções de quartos, chalés e apartamentos, todos bem equipados. E o wi-fi é livre nos ambientes.

A piscina fica em meio a um bem cuidado jardim. Mais estacionamento e saída exclusiva para a Praia do Maciú. E o café da manhã? Pode se preparar, que é impecável e feito com muito carinho.



Paraíso!

No litoral sul, a parada é o Colméia Chalés, na Praia de Camurupim. Não canso de admirar. E curtir. Que lugar! E agora, então, com o novo salão de jogos, mais palhoça com mesa, para churrasco, e um caramanchão próximo ao redário, para apreciar o céu estrelado. Quer se encantar também? Dá uma olhadinha no Instagram desse lugar único: @colmeiachales.

Massa!

De volta a Natal, siga para o Clube dos Oficiais da PM, no bairro do Tirol. Lá, aproveite o agradável ambiente do Play Bar, com mesas embaixo de árvores frondosas. A cerveja sempre gelada combina muito bem com os ótimos churrasquinhos. Fique atento ao perfil do Instagram (@playbarnatal) que tem dias com alguma boa temática, como caranguejada, queijos e vinhos.

Ainda melhor: pode-se dizer que é o bar mais seguro da capital-potengi. Elementar. Certamente, lugar onde sempre se encontram atletas de beach tennis, squash e tênis.




Petit
Bougainville
Condominio Hotel



Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019
Registro Notorial de Touros/RN

Informações sobre o *Petit Condomínio*
84 3693.2027

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000
reservas@pousadaspadosamores.com.br

www.pousadaspadosamores.com.br



Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Conselho Estadual de Cultura, da Academia de Letras Jurídicas do RN e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal

EDILSON CID VARELA

Um eficiente
**gestor de
notícias**



Edilson Varela,
com jornalismo
equilibrado,
ajudou a
consolidar
Brasília

O ano de 1913 – diferente-mente do que lhe seria imediatamente sequente – foi normal e sem sobressaltos para a humanidade e, singularmente, para o Brasil. Foi nele que nasceu em Nebraska o garoto Gerald Ford, futuro presidente dos Estados Unidos e que veio à luz o genial poeta Vinícius de Moraes, no Rio de Janeiro. Em Macaíba, região estuarina do Rio Grande do Norte, tudo transcorreu tranquilamente, com a política ainda sob as rédeas da oligarquia Albuquerque Maranhão, com Alberto no Governo do Estado e o correligionário Maurício Freire dando as cartas na intendência local. A cultura sendo pontilhada pelo que chegava dos escritos dos conterrâneos letrados Auta de Souza, Henrique Castriçano, Augusto Severo e os irmãos Augusto e Luís Tavares de Lyra. Mas, na residência do casal Silvéria e Alcides Cid Varela, a rotina foi alterada a 18 de março, com a chegada do menino que seria batizado como Edilson. E foi. Só não se imaginava a importância que esse homem teria no cenário da comunicação nacional. E teve.

Os estudos iniciais foram feitos por Edilson na terra em que nasceu. Em seguida o rapazinho aportou em Natal, deixando com saudades os irmãos Lourdes, Fernando, Renato e Rômulo, para viver sob os cuidados das tias Francisca e Joana, irmãs de Alcides, que ficou em Macaíba na condição de doublé de telegrafista e dono de cinema, além de se exercitar

como prescritor leigo de remédios e mezinhas para os adoentados. Aliás, foi no piano dessa sala de projeções que o garoto Edilson aprendeu a tocar um pouco, para fazer fundo às apresentações de filmes mudos, levando esse pendor musical para atuar por algumas vezes no célebre Royal Cinema, então o melhor da capital. Nesse interregno, ainda foi estudar em Mossoró, no Colégio Santa Luzia, levado pelas mãos do Monsenhor Almeida Barreto, oportunidade em que construiu

inabalável amizade com o colega Américo de Oliveira Costa, futuramente intelectual respeitado e Presidente da Academia Norteario-grandense de Letras.

Após a conclusão dos estudos médios no Atheneu, sendo aluno de Câmara Cascudo, Celestino Pimentel e Clementino Câmara, partiu em 1932 para o Rio de Janeiro, buscando ampliar os estudos e conseguir trabalho. Na Cidade Maravilhosa não encontrou faculdades com inscrições abertas para o vestibular,

Acervo de Valério Mesquita



Macaíba, carnaval de 1931, o folião Alcides Varela, pai de Edilson

Notícia da formatura em Direito publicada na Revista do Centro

Acervo de Eduardo Alexandre Garcia

salvo a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, na qual ingressou e cursou apenas um ano, migrando para a Faculdade Nacional de Direito em 1933, mediante aprovação de novo exame seletivo. Saiu bacharel em 1937. A sua turma escreveu história naquele estabelecimento de ensino, mercê da qualidade de vários graduados, a exemplo de José Honório Rodrigues, Evaristo de Moraes Filho, João Calmon, Hermes Lima, Alzira Vargas e Arnaldo Sussekind, todos com ulterior destaque no cenário jurídico e político da nação.

Na vida universitária, para amenizar as saudades da terra de origem, Edilson Varela criou uma entidade gregária dos potiguares ali residentes, que tanto cresceu que deu base ao Centro Norte-rio-grandense do Rio de Janeiro, que presidiu, fazendo circular a Revista do Centro, com artigos escritos por ele e por outros colaboradores.

Com anel no dedo e canudo na mão, montou banca de advocacia no Rio, dividida com os colegas Luiz Lopes de Sousa e João Cláudio de Vasconcelos Machado. Dois anos depois foi desfeita a sociedade, tendo o primeiro seguido para a magistratura e o segundo para a crônica esportiva, virando até nome de estádio de futebol, no aumentativo. Veio a coincidir com esse distrato o convite feito pelo então Interventor do Rio Grande do Norte, Rafael Fernandes Gurjão, para que Edilson retornasse ao Estado, para dirigir a Imprensa



Prédio da Faculdade Nacional de Direito, no centro do Rio



Integrantes da turma 1937 da Faculdade Nacional de Direito, colegas de Edilson Varela: João Calmon, Hermes Lima, José Honório Rodrigues, Alzira Vargas, Arnaldo Sussekind e Evaristo de Moraes Filho

Arquivo do Correio Brasiliense



No Conselho Nacional de Cultura, Roberto Marinho discursa ladeado por Edilson Cid Varela e Paschoal Carlos Magno. Agosto de 1963, Governo João Goulart



No memorial do Tribunal de Justiça do Distrito Federal está selecionando processo histórico uma ação penal iniciada por Jânio Quadros contra Edilson Cid Varela, com base na antiga Lei de Imprensa. Depósitos no exterior

Oficial e o noticioso A República. Aceitou. Em 1939 Natal novamente estava para ele de portas abertas, com o reencontro de amigos e a edificação de novos relacionamentos. Ocupou também importantes espaços como correspondente dos mais renomados órgãos de notícias do mundo, a exemplo da Agência Meridional, durante a Segunda Guerra. Dotado de capacidade aglutinadora diante de boas causas, em muito colaborou para a construção de um bom contato entre os natalenses e os pracinhas americanos que vieram atuar em Parnamirim Field durante o segundo grande conflito universal, tendo por parceiros Sylvio Pedroza e Ruy Paiva, dentre tantos, conforme lembra Protásio Melo, no livro “Vivi – O homem que sabia viver”.

Em 1943 Edilson sai da Imprensa Oficial e de A República para dirigir a incipiente Rádio Educadora de Natal, uma sociedade de Carlos Lamas com Carlos Farache, naquele ano vendida aos Diários Associados, dirigidos no Nordeste por João Calmon, antigo colega de Edilson na Faculdade Nacional de Direito, braço forte do jornalista Assis Chateaubriand. No embalo da direção da emissora (logo renomeada para Rádio Poti), veio a incorporação de O Diário, mais adiante vertido para o nome de Diário de Natal, conforme lembrado pelo Deputado Federal Grimaldi Ribeiro, em discurso proferido na Câmara dos Deputados a 28 de setembro de 1973. Na sua gestão Edilson Varela deu acolhimento à Sociedade Artística Estudantil, em



Assis Chateaubriand, Edilson Varela e alguns dos Diários Associados

1948, que produzia o programa “Parada Estudantil”, gérmen de muitos grupos musicais, um deles tendo alçado sucesso nacional, o Trio Irakitan, que ainda hoje atua, embora com formação renovada.

No paralelo das atividades de imprensa, Edilson Varela foi também dirigente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e secretário da Cruz Vermelha, ambas no Rio Grande do Norte, quando foi recrutado por Chateaubriand, em 1956, para estruturar e dirigir muitos outros veículos da poderosa rede dos Diários Associados pelo Brasil (Campos dos Goytacazes, Juiz de Fora, Vitória, Rio de Janeiro).

Bem sediado no Rio de Janeiro, atuando no gerenciamento dos jornais do grupo, notadamente o Diário da Noite, Edilson foi surpreendido com o desafio apresentado por Chatô: criar, instalar e colocar para funcionar um jornal e uma emissora de televisão em Brasília, no dia da inauguração da nova capital, 21 de abril de 1960, tudo isso em exíguos sete meses e sem verba definida. O drama para cumprir o desejo do Velho Capitão foi relatado por Edilson em entrevista publicada no próprio Correio em 4 de junho de 1990 (dia seguinte à sua morte), dizendo que quando Juscelino Kubitschek cortava a fita inaugural da nova sede republicana, a TV Brasília transmitia o fato, ao vivo, contando também com a cobertura do jornal que ali entrava em circulação.

Mas, se o leitor imagina que o maior desafio de Cid Varela foi

colocar esses órgãos de comunicação em funcionamento, está enganado. O duro mesmo foi consolidar esse segmento da imprensa em um cenário físico e político repleto de adversidades, sendo

as maiores a falta de crédito que muitos setores davam à nova capital, inclusive vários órgãos ministeriais resistiam em deixar o Rio de Janeiro. Essas investidas de retorno do poder à Cidade



Edilson Varela, Tarcísio Maia e Jessé Freire, em jantar no Eron Palace Hotel, em Brasília, anos setentas

Acervo do Correio Brasiliense



Arquiteto Oscar Niemayer, projetista dos grandes prédios iniciais de Brasília, com Edilson Varela e Ary Cunha



Com Tancredo Neves, à época Primeiro-Ministro do Brasil

Acervo do Correio Brasiliense

Acervo do Correio Brasiliense



Varela recebendo comenda militar das mãos do Vice-Presidente da República (1969-1974), Augusto Rademaker



Nita Varela, portuguesa criada no Rio, foi a segunda e última esposa de Edilson

Maravilhosa sempre encontraram em Edilson um adversário vigilante, que suspirou aliviado quando ouviu do Presidente Castelo Branco a sentença “Brasília é irreversível”, conforme lembrado pelo historiador Adirson Vasconcelos, biógrafo de Varela.

Ainda no cenário da Revolução de 64, os embaraços causados pela censura não reverteram o ânimo de Edilson Varela. A pro-

pósito desse controle, disse na entrevista acima referida: “O tempo da ditadura do Falcão, do Médici, foi muito difícil. Houve dias em que o jornal saía todo esburacado. Era porque o capitão da censura, que nunca tinha entrado em um jornal, impedia a publicação de diversas reportagens”. Enfrentando todos esses percalços, conduziu o jornal, a tv e a rádio que veio a seguir de forma satisfatória

para o cumprimento do papel de informar. A sua habilidade foi essencial para transitar do relacionamento com o sistema depositado (durante o qual foi inclusive membro do Conselho Nacional de Cultura, convivendo com integrantes de diversos cores ideológicos, como Paulo Freire e Roberto Marinho) ao novo regime de caráter militar. Prova disso foi o alentado número de comendas castrenses que recebeu, no paralelo da sua luta para assegurar a liberdade de expressão aos jornalistas que trabalhavam no conglomerado sob o seu comando.

Mesmo lidando com os mais altos escalões do poder político e econômico da Nação, nunca ficou alheio às coisas do Rio Grande do Norte, tanto pela função de superintender os veículos informativos chantados no solo potiguar (o Diário de Natal, o Poti e a Rádio Poti), como pela atenção que dava ao desenvolvimento da sua terra, tudo isso traduzido nas inúmeras homenagens que recebeu, a exemplo dos títulos de Amigo da UFRN e de Cidadão Honorário de Natal.

Foi casado em primeiras núpcias com a Senhora Selma de Paiva, com quem teve as filhas Eliane e Elizabeth. Desfeito o primeiro matrimônio, casou-se com Nita, uma portuguesa criada no Rio de Janeiro, com quem viveu até falecer, no dia 03 de junho de 1990. Dona Nita faleceu no dia 1º de março de 2018. Ambos estão sepultados no Cemitério Campo da Esperança, em Brasília.



MILTON MARQUES

O Menino DO PORÉ

Por Geovânia Gomes
Fotos: Arquivo Pessoal

Para contar a vida e a obra do médico e empresário Milton Marques de Medeiros, que partiu em abril de 2017, a jornalista e escritora mossoroense Lúcia Rocha organizou a livro *O Menino do Poré*, a ser lançado em 9 de julho, quando se vivo fosse ele completaria 81 anos de idade. Lúcia se debruçou sobre um longo trabalho de pesquisa de tudo o que foi escrito e publicado por ele durante quinze anos na coluna semanal *Dè Já Vu*, além do que foi dito em entrevistas em emissoras de rádio e de televisão. A obra está todo em primeira pessoa, por ordem cronológica. Discreto, Milton Marques raramente escrevia sua história e quando a fazia era atendendo a pedido de amigos e familiares, segundo ele mesmo assumia na coluna.

Natural de Upanema, à época uma vila pertencente ao município de Campo Grande, em 9 de

julho de 1940, filho do tabelião Francisco Marques e da dona de casa Maria Luíza Freire Marques, a Dona Lelé. Seu pai morreu quando Milton tinha apenas quatro anos de idade e ele, ainda na puberdade, migrou para a casa de parentes na região central de Mossoró, para dar prosseguimento aos estudos. O casal que o acolheu tinha doze filhos, dos quais, dez homens. Além de Milton, já havia outro parente de fora, num total de 14 pessoas, entre biológicos e agregados. O anfitrião, Seu Né, era dono do Café Vitória, próximo ao Mercado Central e bastante disputado por comerciantes e comerciários da cidade. Porém, Seu Né, um homem organizado, planejou um rodízio e, diariamente, uma dupla da casa ajudava-o no atendimento e nos afazeres do café, além de também cuidarem da limpeza. A mãe adotiva era Donana, a quem Milton

Marques considerava uma santa em suas colunas.

O pré-adolescente Milton Marques de Medeiros logo foi matriculado no Ginásio Estadual da Escola Normal de Mossoró, a poucos metros da casa, onde fez todo o ginásio. Era início dos anos 1960 e a cidade não ofertava o antigo curso Científico na rede pública. Somente o Colégio Diocesano Santa Luzia, da rede privada, oferecia, então, com a ajuda do irmão doze anos mais velho, Mário Marques, comerciante, dono do bar da ACDP – Associação Cultural e Desportiva Potiguar – clube da elite mossoroense, Milton Marques pôde dar prosseguimento aos estudos no chamado Colégio dos Padres, tendo como professor o padre Sátiro Cavalcante Dantas, também diretor do colégio e que o acompanharia ao longo de sua trajetória, como amigo e conselheiro.



Milton Marques com quinze anos



Formatura em Medicina



Milton e Zilene

Paralelamente às suas atividades escolares, Milton Marques trabalhava. Já estava decidido a fazer Medicina e tinha loucura por comunicações, então, trabalhou como revisor de gráfica e, mediante concurso, atuou no jornal O Mossoroense. Trabalhou no armazém de secos e molhados do primo e futuro sogro, Juca Freire, onde aperfeiçoou a datilografia; e também trabalhou numa grande mercearia, na Praça Bento Praxedes.

No Colégio Diocesano Santa Luzia, Milton Marques fez os dois primeiros anos do Científico e resolveu concluir numa escola pública de João Pessoa, capital paraibana, onde acreditava que estaria mais preparado para o vestibular na Universidade Federal da Paraíba. Deu certo e morou de favor até ingressar na Faculdade de Medicina, quando mudou para a Casa do Estudante.

Em João Pessoa, tentou uma vaga para trabalhar em emissora de rádio, chegou a ter uma experiência como redator, mas foi dispensado porque não ter vozeirão para apresentar o noticiário. Então, tentou um emprego qualquer, de meio experiente, porque a faculdade era 'puxada'. Conseguiu trabalhar numa movelaria, depois foi aprovado em concurso público, e por vezes trabalhou madrugada adentro para dar conta dos estudos, até começar a atuar em plantões remunerados em hospitais.

Ao concluir a faculdade, Milton Marques se submete a uma prova para residência médica no Hospital das Clínicas, da USP, em São Paulo,

em que obteve uma melhor colocação e, assim, garantiu refeições gratuitas no hospital. Período em que morou na casa de uma italiana, que tinha dois filhos também médicos.

Em junho de 1969, de volta a Mossoró, associa-se a alguns médicos e foi pioneiro no tratamento de doenças mentais, inaugurando o único hospital psiquiátrico no interior do Rio Grande do Norte, a Casa de Saúde São Camilo de Lélis, classificado como hospital modelo no Nordeste, em psiquiatria, depois municipalizado e recentemente instalado em outro imóvel com o nome Hospital Psiquiátrico de Mossoró Doutor Milton Marques de Medeiros.

Além de atuar como psiquiatra e dono de hospital, Milton Marques de Medeiros passou a lecionar na UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tempos depois, graduou-se também em Ciências Jurídicas. Em 2004, assumiu o cargo de Diretor da Faculdade de Medicina da UERN, e no ano seguinte foi eleito reitor, cargo para o qual foi reeleito. Também exerceu cargos públicos, como presidente do IPE - Instituto de Previdência do Estado - na gestão do governo Lavoisier Maia Sobrinho - e secretário de Saúde de Mossoró. Foi presidente da Associação Brasileira de Hospitais, Coordenador Técnico do Departamento de Psiquiatria da Federação Nacional de Saúde; membro da Comissão de Psiquiatria do Conselho Nacional de Saúde e vice-presidente da Associação Norteriograndense de Psiquiatria.



Bodas



Bodas da cacula, Talliana



Família



Milton e Zilene com a primogenita, Stella, e genro, Leonardo

Entusiasta do empreendedorismo, passou a investir no ramo do agronegócios e na indústria de cerâmica, tendo sido pioneiro na produção de ovos com a Granja São Camilo, que abastecia a região Oeste, atividade que trocou pela indústria salineira. Na área da comunicação, manteve sociedade com o ex-governador Tarcísio Maia em emissoras de rádios no interior do RN. Desfeita a sociedade, manteve uma rede de três emissoras de rádios FM TCM, com programação integradas através de fibra óptica Telecom.

Seu pioneirismo foi longe quando, em 2002, ousou criar a TCM – TV Cabo Mossoró - com um exclusivo canal local, atualmente, presente em onze municípios: Mossoró, Upanema, Assú, Apodi, Caraúbas, Felipe Guerra, Itajá, Governador Dix-sept, Ipanguaçu, Campo Grande e Tibau.

Em 2006, na capital paulista, Milton Marques participou da NEO TV - feira que reúne emissoras de TV a cabo de todo o país - e recebeu da ABTA - Associação Brasileira de Televisão por Assinatura o Prêmio

Operador Padrão, ficando em primeiro lugar na categoria criatividade, com o programa Minha Escola na TV, exibido pelo canal local da TCM. Na ocasião, foi homenageado como um empresário que investe em responsabilidade social.

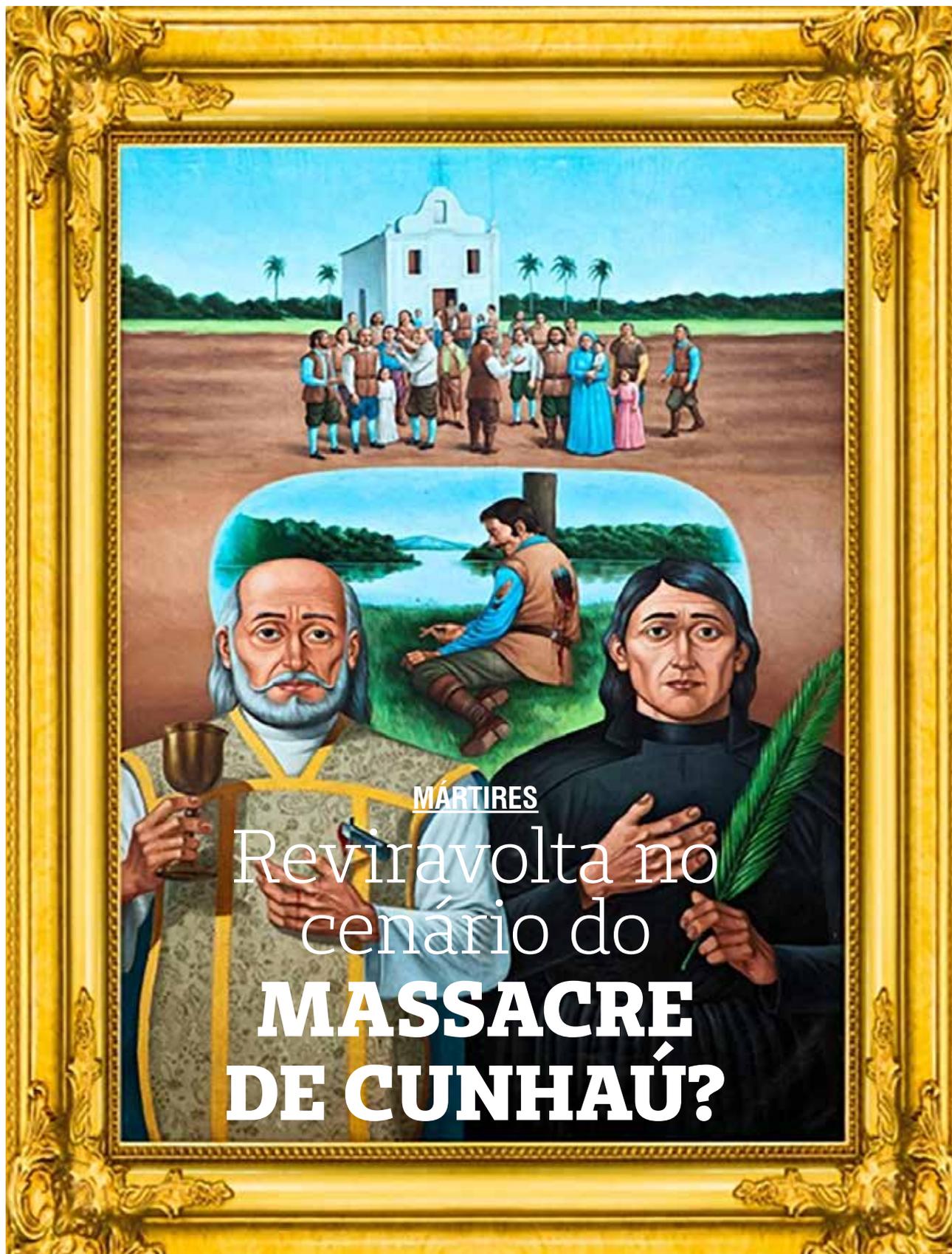
Leitor voraz e colaborador de diversas publicações, Milton Marques lançou algumas obras, dentre as quais a trilogia **Déjà Vu**. Era membro da ACJUS – Academia de Ciências Jurídicas e Sociais – que recentemente inaugurou sede própria, o Palácio Cultural Milton Marques de Medeiros, em Mos-

soró. A terra natal, Upanema, ganhou um Centro Cultural Milton Marques de Medeiros, entregue pela Prefeitura Municipal, na gestão de Luíz Jairo.

Milton Marques era casado com a prima em segundo grau Zilene Conceição Cabral Freire de Medeiros, CEO do Sistema Oeste de Comunicação. O casal tem quatro filhas e sete netos. Sua autobiografia foi contemplada no edital da Lei Aldir Blanc e sai com o selo editorial Amigos da Pinacoteca, em parceria com a Editora Queima Bucha e a Fundação Vingt-un Rosado.



Palácio Cultural Milton Marques de Medeiros, sede da ACJUS, em Mossoro



MÁRTIRES

Reviravolta no
cenário do
**MASSACRE
DE CUNHAÚ?**

ESTUDO DO
PROFISSIONAL
DO TURISMO
THIAGO
OLIVEIRA INDICA
CONTRADIÇÃO
NO AMBIENTE DO
MASSACRE DE
1645

Por Thiago Oliveira

O que garagens, capacitor de fluxo, Brasil Holandês e um sítio/destino turístico histórico, no Município de Canguaretama-RN, tem a ver? Tudo e mais um pouco. Logo, venha conferir esta tentativa de transformação de linguagem de iniciação científica em literária.

Assim, cabe publicizar que existe uma hipótese, ideia autoral teórica, criada em idos de 2015, e defendida numa monografia de Gestão de Turismo em 2020, com o título “Entre ruínas e soterramento!? ‘Uma biografia da Capela defronte e a contígua do Engenho Cunhaú’”, do então discente universitário Thiago Oliveira, do IFRN - Campus Canguaretama, e hoje gestor/guia de turismo, escritor, pesquisador, poeta e militante/fundador do Coletivo Mestre Padre.

E existe uma pintura de 3,90 metros de altura por 2,60 metros de largura, difundida em larga escala como estandarte oficial dos Protomártires do Brasil, feita pelo artista plástico potiguar Gilvan Lira, “a pedido do postulador da Causa da [E sob a sua orientação] foi dado forma à representação iconográfica dos rostos e indumentária dos mártires, exaltando os sinais do martírio.”

Isto posto, há uma pintura, Praefecture De Paraíba, et Rio Grande, paisagem real à época do século XVI, década de 1640, que deu o suporte inicial à Hipótese da Capela “original” do extinto Engenho Cunhaú histórico, que foi inspirada no capacitor de flu-

xo, uma máquina capaz de realizar viagens no tempo em um filme de ficção científica, dos anos 1985, De Volta para o Futuro.

Em linhas gerais, literárias, a ideia propõe que no lado esquerdo da moradia senhorial do extinto Engenho Cunhaú histórico, hoje residência dos funcionários da atual Fazenda Cunhaú, que foi o palco do evento do dia 16 de julho de 1645, durante o período do Brasil Holandês, sendo porventura local da Capela original dos hoje Santos Mártires de Cunhaú, na crença religiosa católica apostólica romana.

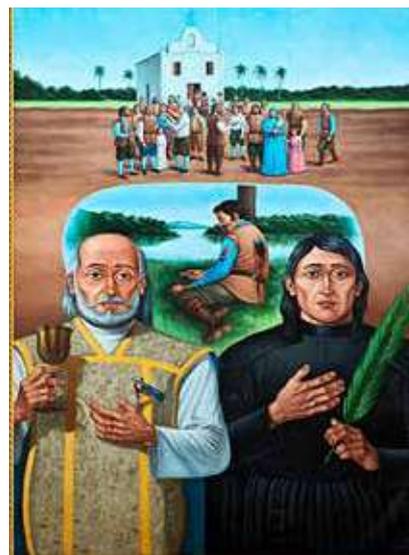
Já a explicação acadêmica, iniciação científica, será sucitamente condensada, pura, mas aplicada a uma linguagem mais simples, com o infográfico exibido inicialmente, que é um triangulo da seleção de documentos históricos sobre a moradia senhorial do extinto Engenho Cunhaú histórico, com ênfase na ilha textual “[de] 45 metros, ficaram quinze...e a casa [senhorial era] contígua à capela.”

Aliada a uma alegoria de Frans Post, artista flamengo do século XVI, do ano de 1643, presente no livro *Rerum per Octennium in Brasilia*, de Gaspar Barléu, do ano de 1647, tendo o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte- IHGRN um desses raros exemplares, cuja “qualidade artística das gravuras de Frans Post [faz] [...] jus a ser considerado o melhor mapa histórico do Brasil em sua área de abrangência, até o primeiroquartel do século XVIII, pelo menos.”

A pintura original está no acervo do Instituto Ricardo Brennand-IRB, no Recife-PE, e nela é possível ver as estruturas do extinto Engenho Cunhaú histórico, como a Casa Grande no centro e à esquerda uma capela contígua com o cruzeiro na parte superior, além de não possuir um frontão, fachada, podendo assim ser acessado por um cômodo interior ligando a moradia senhorial, sendo assim uma espécie de garagem, acessada somente por seus proprietários.

E, por fim, uma sucinta e espe-

cífica pesquisa sobre arquitetura colonial, com a “justaposição da Casa Grande com a Capela”, como no caso da edificação sacra do Engenho Graça, em João Pessoa-PB, cujo dono foi o Mártir da Revolução Pernambucana de 1817, 6º Senhor Hereditário do Engenho Cunhaú, Professo na Ordem Militar de Cristo, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Coronel Comandante do Regimento de Cavalaria Milicianiana da Divisão Sul do Rio Grande do Norte, e maçom da Loja Paraíso.



Capela "original" de Nossa Senhora das Candeias do extinto Engenho Cunhaú histórico



Casa Grande do extinto Engenho Cunhaú histórico



Atual Capela "original" de Nossa Senhora das Candeias do extinto Engenho Cunhaú histórico Atual Casa Grande do extinto Engenho Cunhaú histórico

ANDRÉ DE ALBUQUERQUE MARANHÃO II (ANDREZINHO DE CUNHAÚ)

Com a breve e adaptada explicação da metologia da hipótese, é exposto que a “capelinha edificada pelo capitão-mor Jerônimo de Albuquerque” foi “através dos séculos [...] sofrendo modificações”, logo “é bem possível que a capela tenha ruído [...] [e] [...] a capela [...] [que] vemos hoje, tem características de templos católicos construídos no século XVIII, como se tivesse sido reconstruída após a ‘Guerra dos Bárbaros’, sendo assim incongruente dizer que “[...] no seu interior ocorreu, no dia 16 de julho de 1645, o chamado Massacre de Cunhaú.”

Logo, a “[Capela do Engenho Cunhaú que] presenciou o 16 de julho de 1645 foi a passada, na ‘original, [e] não na reconstruída”, visto que a “[...] arquitetura original nas sucessivas reformas ao longo do tempo, [...] [assumiu um] [...] aspecto de uma edificação do século XVIII.

Sendo assim, é bem possível que haja na Capela de Nossa Senhora das Candeias a quiçá inclusão do conceito “falso histórico”, do arquiteto italiano Cesare Brandi, que seriam intervenções que alterem traços característicos de um bem cultural, fazendo

esse ser antigo, mas é novo, visto que dizem que “a capela preserva a sua fachada original [...]”, mas a atual construção histórica/sacra foi “reconstruída sobre as ruínas de sucessivas reformas da capela original.”

A atual construção histórica/sacra do extinto Engenho Cunhaú histórico de Nossa Senhora das Candeias é, conforme a pesquisa acadêmica feita, outra, logo diferente da Capela “original” dos Santos Mártires de Cunhaú, dadas as transformações históricossociais e econômica-políticas do tempo o qual ela foi edificada.



Logo, poderia ter havido na atual construção histórica/sacra do extinto Engenho Cunhaú histórico de Nossa Senhora das Candeias, uma biografia, a transmissão de sua identidade cultural patrimonial, numa conexão entre o passado e o presente, as janelas do tempo, podendo assim demonstrar as suas características do tempo, conquanto o seu soerguimento foi “[...] uma solução correta, mas, culturalmente, equivocada, pois a preservação implica em valorização, o que, no caso, significa o restabelecimento do espaço arquitetônico, através da reconstrução dos componentes delimitadores e definidores desse espaço – a cobertura e a parede frontal – que desapareceram.” E ainda poderá ser revista a estrada asfaltada a “[...] oeste [junto de] uma seteira na capela-mor [...]” onde há “[...] um lastro de ossadas humanas.” Todavia, há o “ arco do triunfo”, para os religiosos, e porventura “janelas do tempo”, num futuro turismo cultural, e turismo patrimonial, que é um “arco original [de nicho de cantaria] [feito] em pedra-sabão [e] vindo de Portugal” que conserva em sua arcada “suas linhas primitivas do romano colonial barroco.”

Sendo assim, possível e oportuno um turismo para além do “Turismo ‘Religioso’, [àqueleque] joga [...] com a figura do ‘herege’, ‘judeu’, que seria o algoz e causador do fato heroico. Nada de questões econômicas ou interesses políticos: a questão é reduzida a



um ‘pressuposto religioso e moral, visto que o potencial ao turismo cultural potiguar, do extinto Engenho Cunhaú histórico, hoje localizada no destino/sítio histórico, Fazenda/Engenho Cunhaú, na RN 269, no sentido rumo ao município de Nova Cruz-RN, “[vai além] da canonização dos mártires.” já que pode incluir atrativos historicoculturais, dado que “em 1810 foi descrito como magnífico e feudal pelo viajante inglês Koster”, mas ainda que “[...] a impor-

tância histórica é ainda maior que a religiosa.”

Também, como o turismo de base arqueológica nos arredores da atual Capela de Nossa Senhora das Candeias do extinto Engenho Cunhaúhistórico, já que jazem “[...] sepultadas muitas gerações dedescendentes de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, o fundador do Engenho Cunhaú.”

Além do turismo de eventos com uso de uma peça teatral, com uma “clara interpretação

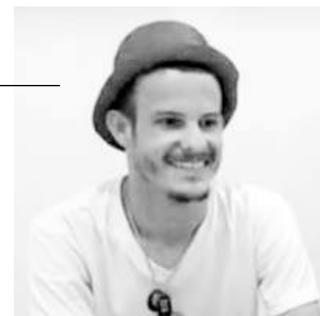
da História”, com as várias “versões” sobre o evento do 16 de julho de 1645, como a da Resistência Indígena na Capitania do Rio Grande, da União Ibérica, da Guerra da Restauração, da Confederação dos Cariris, e da historiografia “tradicional, dado que há uma estória “disseminada, carente em informações históricas, mas muito rica na fé e nos relatosmotivados pelas curas e graças alcançadas por aqueles que visitamo local”



REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Thiago

Antonio de. Entre ruínas e soterramento!? “Uma biografia da Capela defronte e a contígua do Engenho Cunhaú” / Thiago Antonio de Oliveira.



- Canguaretama (RN), 2020. 95 - f.; 30cm. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) no Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, 2020. Orientador: Profº. Dr. Márcio Monteiro Maia.





Gilson Bezerra

www.penaestratrilhas.com



ROTA DAS EMOÇÕES

Uma rota realmente **emocionante**

Por Gilson Bezerra
Fotos: Evaldo Gomes



Praia de Icapui

Sempre tive a certeza de que um dia iria conhecer cada palmo do litoral do Nordeste, mesmo considerando a meta elevada, pois estamos falando em uma área de dimensões continentais! Me lancei ao propósito no final dos anos 80 e sigo forte na meta. O último trecho percorrido foi Natal-Santo Amaro do Maranhão, no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Já havia estado antes em alguns dos lugares visitados nessa viagem, mas cada vez que retornamos a algum lugar ele já mudou um pouco, assim como nós também não somos os mesmos, de forma que foi uma emocionante viagem de redescobertas e novas experiências.

O foco inicial era cobrir a Rota das Emoções, trecho do litoral entre Jericoacoara/CE e Barreirinhas/MA, que impulsionado por forte campanha publicitária vem revelando novos cenários, lugares e possibilidades nos três estados que compõem a rota. Junto com os amigos + que aventureiros e praticantes da modalidade de Off Road Wladimir Capistrano e Carol Aquino, iniciamos o planejamento do percurso que iríamos traçar. Tanto Carol quanto Wladimir e sua esposa Marta são presenças constantes nos roteiros da Pé na Estrada Trilhas, nos acompanhando em seus carros próprios, já realizaram várias expedições de jeep pelo Brasil e possuem a expertise necessária para realizar uma viagem como essa, que não é nada simples.

ROTEIRO PRONTO, NOS LANÇAMOS NA ESTRADA

Sáimos de Natal e paramos para pernoitar em Canoa Quebrada (CE), que normalmente está fervilhante com um astral colorido e cosmopolita. A praia em tempos de pandemia estava sem visitantes. O decreto municipal restringia o funcionamento dos bares e restaurantes e foi revelador conhecer uma Canoa sem frequentadores com becos e ruas desertas, quiosques e barracas fechados. Ainda foi possível fazer um vôo de parapente sobre as falésias e admirar o bellissimo pôr-do-sol na praia sem ninguém em pleno domingo.

No outro dia seguimos via-

gem cedo, trecho longo a ser percorrido e fugindo da agitação de Jericoacoara, optamos por uma hospedagem mais tranquila e confortável na vizinha Camocim/CE, ainda pouco explorada turisticamente mas com uma boa infraestrutura de pousadas e restaurantes. Foi inevitável uma parada na Lagoa do Paraíso, em Jijoca, na entrada de Jeri, para baixar a poeira e almoçar com dignidade. A lagoa é bem transparente e com bares e restaurantes no seu entorno, alguns têm redes dentro da água e lembra muito a paisagem das nossas lagoas de Nísia Floresta.

Optamos por fazer o trecho até Jeri atravessando a balsa de Camocim para a Ilha do Amor. Depois de percorrer um trecho de praias desertas e muitas aves marinhas chegamos à Praia de Tatajuba, cercada de lagoas e dunas. O antigo povoado de pescadores virou alvo de especulação imobiliária e charmosos chalés em estilo rústico despontam por todas as partes. Dunas cercadas com arame farpado indicam muitas posses irregulares e estrangeiros ávidos por ventos e praias desertas. De lá para Jeri é um pulo, mas antes fizemos *um pit stop* em Mangue Seco de Jeri, Praia de Guriú.



Canoa Quebrada

Jeri não tem dia nem hora de baixa frequência, o balneário de fama internacional continua lotado com bares e pousadas cheios mesmo com as restrições dos decretos, o que não era nosso foco, já que procurávamos os points menos frequentados da rota. Ficamos por lá apenas esse dia, tempo suficiente para ver o sol cair no mar.

No dia seguinte saímos cedo para a Barra dos Remédios, passando pelas praias do Maceió, Barreiras, Farol e Xavier. Mais dunas e lagoas, ranchos de pesca solitários ou pequenos povoados que emergem das areias são emoldurados por um mar verde esmeralda por quilômetros e quilômetros. Um dia intenso com parada para comer àquela pescada na Praia do Maceió, numa simpática barraca de praia.

No Trajeto de Camocim até o Delta, destaque para a Praia de Barra Grande, que promete se tornar uma nova Jeri, atributos não faltam para essa pérola no meio do pequeno litoral piauiense.

A próxima parada foi na cidade de Parnaíba, de onde sairíamos para o passeio de barco pelo Delta do Parnaíba. A cidade é simpática e bem estruturada, tem monumentos históricos bem conservados e uma orla com bares e restaurantes. O passeio do Delta dura o dia todo e nos surpreende a cada curva do rio com pequenas praias, densos manguezais cheios de aves e macacos guaribas; dunas que formam piscinas e ilhotas, e foi numa delas com o curioso nome de Ilhas das Canárias, já totalmente dentro do Maranhão, que paramos para almoçar, a mesma fartura de peixes e camarões.



Falésia em Marjolândia/CE



Rede na praia de Ponta Grossa/CE



Toyota em Camocim/CE



Dunas em Camocim



Revoada dos guarás no delta do Parnaíba



Poças de água na foz do rio Parnaíba



Entardecer no rio Preguiças em Barreirinhas, lençóis maranhenses

O ponto alto desse passeio é a revoada dos Guarás, uma garça vermelha de rara beleza, comum no litoral maranhense e piauiense. Às 17h elas começam a chegar de todas as direções para se aninharem numa ilhota no meio do rio, um espetáculo que assistimos de dentro da lancha e em profundo silêncio. Deixa todos deslumbrados enquanto o sol se põe na margem maranhense do rio.

Após breve passada em Tutóia, onde começam os Lençóis e seguia rigoroso decreto com tudo fechado, seguimos para hospedagem em Barreirinhas, uma efervescente cidade, desordenada, caótica e cheia de gente, com toyotas circulando e o caudaloso Rio Preguiças cortando uma mata de aspecto amazônico, descendo lentamente em direção ao mar. Seguimos de barco até o povoado de Atins, com paradas nos Pequenos Lençóis, em Vassouras, e Caburé, entre o rio e o mar. Passeios de Toyota até Lagoa Grande na área do Parque para completar o roteiro em Barreirinhas e deslocamento para Santo Amaro, a grande pérola da viagem!

Santo Amaro do Maranhão, nas outras vezes que fui, era preciso algumas horas para atravessar um trecho de cerca de 30km de dunas gigantes a bordo de Toyotas do povoado Sangue até se alcançar a cidade e as lagoas mais bonitas do Parque dos Lençóis Maranhenses. Agora tem asfalto até lá, pousadas e mais pousadas aparecem cada dia e os visitantes vindos

de todo o mundo desembarcam diariamente para conhecer um dos maiores espetáculos da terra, um deserto de areia do tamanho da Grande São Paulo, cheio de lindas lagoas azuis que se formam com as chuvas, intocadas ainda. Destaque para as lagoas da Betania, as dunas alvíssimas, o Rio Alegre e a mais bela de todas: Lagoa do Junco, onde você tem a sensação mágica de estar no paraíso e para onde eu pretendo voltar muitas vezes!

Foram 15 dias de viagem, quase 3.000 km percorridos, uma infinidade de praias desertas,

lugares paradisíacos, pequenas vilas de pescadores perdidas no mapa, oásis, desertos, florestas. Comidas simples e frescas, contemplação, sonecas em redes armadas embaixo de árvores, luxos que só a natureza pode nos proporcionar. No caminho, pessoas com o guia Riba, um nativo que nunca quis sair de Santo Amaro, o que se torna completamente compreensível quando se conhece a cidade!

Recomendo demais essa Rota das Emoções. Para os adeptos *de Off Road* o segredo é ir em pequenos grupos, ou pelo menos

em dois carros. Dependendo do local e das marés, pode dar errado e você ficar sem resgate. O uso do rádio para a comunicação entre os carros foi primordial, além da boa navegação de Ikara Lydia no nosso veículo. Existem muitas armadilhas no meio do caminho e um bom planejamento pode ser decisivo para o sucesso da viagem.

Siga nosso Instagram e saiba quais as próximas paradas: @pe-naestradatrilhas

E nossa página no Facebook: Pé Na Estrada Trilhas





MILENA NEVES

milaneves@icloud.com



FESTEJOS JUNINOS

ARRAIÁ DAS SAUDADES

Nasci em Campina Grande, Paraíba, onde, dizem, há o maior São João do mundo!

Meus pais se conheceram numa quadrilha junina de bairro. O par da minha mãe faltou, o substituto foi o meu pai.

Por toda a minha vida, festa junina se passava em Campina, na calçada da casa da minha avó Mirinha, com fogueira e vestido rodado de matuta. Tinha um novo todo ano. Em abril, já era tempo de escolher tecidos e bicos. Tanto amor!

A pequena casa de vó, não sei como, hospedava uma imensidão de filhos e netos em junho. No dia 23, a pamonha e canjica eram feitas em casa. A máquina enorme de moer milho era instalada na mesa do alpendre, em meio a treze netos correndo e brincando. O perfume da pamonha do fogo se espalhava pela casa, e não havia mais amor no mundo que nas mãos de minha mãe e tias enchendo as palhas de milho com o creme. Uma segurava, outra enchia, vovó amarrava.

Meu pai, um dos seis filhos de dona Mirinha, montava a fogueira na calçada. A rua longa subia pelo infinito, tomada de fogueiras, cada casa com a sua na frente. A festa se fazia na rua, de forma mágica e linda. As festas mais lindas de toda a minha vida! Todos os anos, toda a vida... queria para sempre! Queria ser a criança de vestido rodado naquela calçada de vó para sempre!

Crescemos, abandonamos as fogueiras e vestidos rodados, mas, na mesma Campina, em noite de São João, conheci meu marido. À mesma Campina, levei todas as minhas amigas de juventude para viver aquela festa. Todos os anos a mesma coisa: chegava com uma “caravana” para hospedar na casa do tio do coração, Horácio, nosso anfitrião após a partida de vovó.

E nos raríssimos anos em que não estava em Campina na

noite de São João, fiz Campina na minha casa, em Natal. Ano passado, em lágrimas, montei o arraiá na sala, e cantei com Elba em meio a um parque vazio.

Este ano tem arraiá de novo, na sala de novo, cantando, sorrindo e chorando de novo. Olho para o céu de São João e, com fé, peço: oh, meu Deus, trouxe nossas vidas de volta!

E para quem quiser montar seu arraiá em casa, vamos de dicas & receitas.





TUTORIAL ARRAIÁ EM CASA

Para a decoração, pense em bodegas do interior, ou casas de fazenda. Vasculhe na despensa tudo o que tiver esse tipo de rusticidade. Objetos em alumínio, lona, juta, palha, madeira, Cerâmica. Vale misturar tudo na mesa central fazendo a cenografia com jeitinho, ousando. Lembre de jogar com alturas.

Os panos de prato mais afetivos, aqueles com bico, coloridos, podem fazer as vezes de jogo americano na sua mesa junina. Teste e se surpreenda.

Objetos em alumínio, como cuscuzeira, podem virar vaso de flores, sendo que as flores serão palhas de milho. Aliás, as palhas dão uma decoração e tanto! Abra o milho sem arrancar as palhas, puxe para cima, faça dos milhos a base do arranjo em vasos de vidro, e das palhas a folhagem ornamental.

Sabe suas luzes de natal? Considere pendurá-las descendo do teto, como o “coreto” do arraiá. O efeito será uma delícia!

No YouTube, busque por

shows de Domiguinhos, Elba Ramalho, Lucy Alves ou qualquer clássico do Parque do Povo (olhe a campinense aqui fazendo propaganda). Ah! E não podemos esquecer que Marina Elali, potiguar neta de Zé Dantas, tem regravações lindas das canções de Zé e Luiz Gonzaga!

Pamonha, Canjica e bolo de milho já costumamos comprar prontos. Que pena e que saudade do cheirinho pela casa! Mas vou te ensinar o creme de milho de minha avó:



RECEITA:

- Bata no liquidificador todo o conteúdo (milho e líquido) de uma lata de milho verde. Acrescente 1 lata de creme de leite sem soro e bata por mais dois minutos, até formar um creme liso.
- Leve uma panela ao fogo médio e derreta 1 colher de sopa de manteiga. Junte uma cebola picadinha e refogue até ficar transparente, por cerca de 2 minutos.
- Tempere com o sal e a pimenta e refogue por mais 2 minutos.
- Junte o creme batido e deixe cozinhar por mais 5 minutos, mexendo bem. Desligue o fogo, ajuste sal e pimenta. Sirva quente em copinhos individuais com colher.
- Se quiser, finalize acrescentado presunto em cubinhos ou cogumelos shitake.



Minervino Wanderley

Chef-viajante

Nelson Matos Filho



REDINHA

Já ouviu falar da **Festa do Caju?**

Fotos: Arquivo pessoal

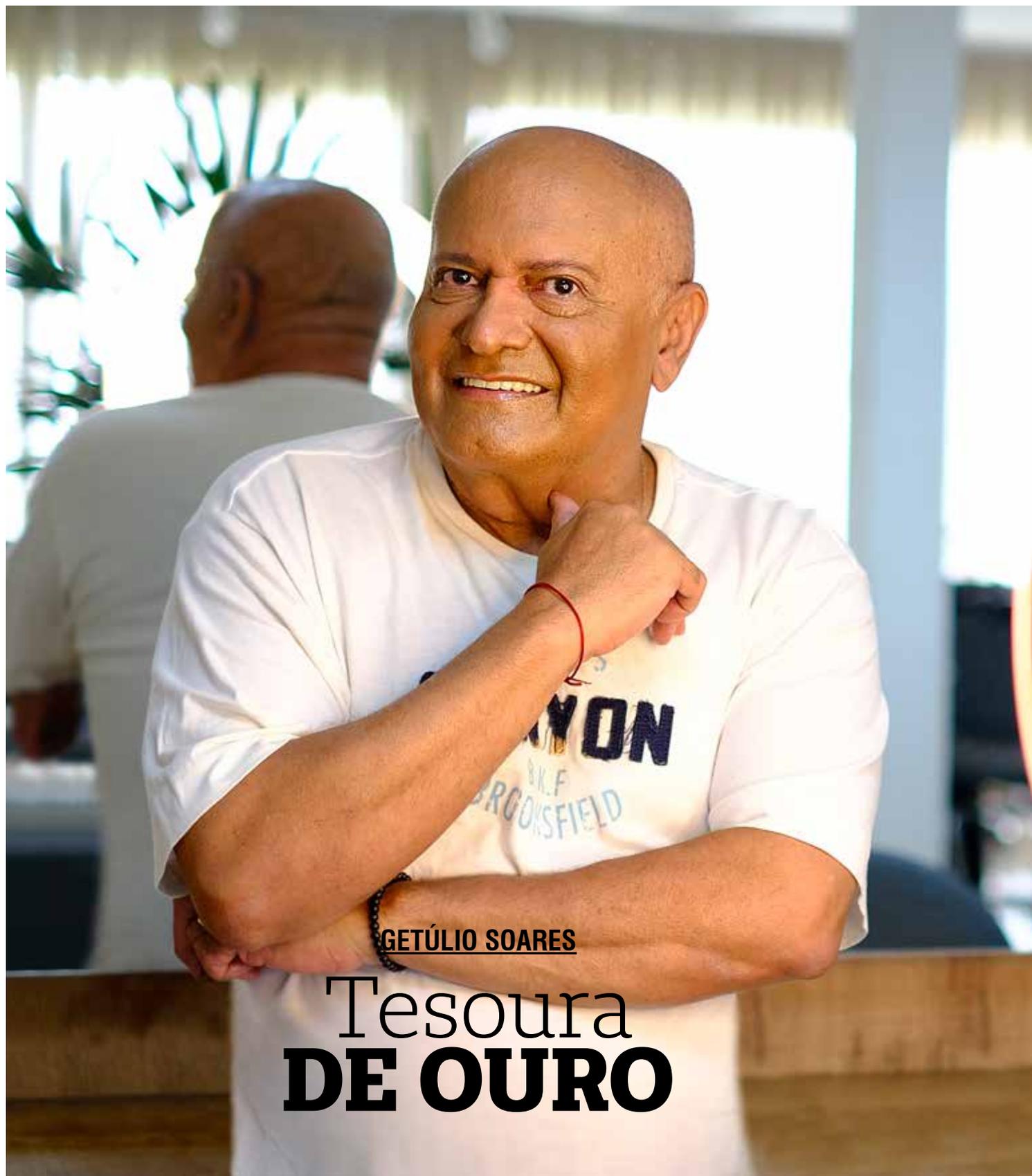
Quando rola janeiro e fevereiro, os natalenses ficam ansiosos primeiramente pelos shows de verão que acontecem na praia de Pirangi. No entanto, há algum tempo, mais precisamente nos anos 60 e 70, a Redinha era palco da Festa do Caju, que era bastante tradicional e acontecia na praia. O nome era uma forma de celebrar o caju e suas variantes, uma vez que é um dos principais produtos do RN.

Era lá que os adultos se divertiam e os adolescentes paqueravam. Tanto que as pessoas associavam que janeiro era sinônimo de Festa do Caju. Acontecia no Redinha Clube, que era uma casa próximo da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes.

Sua construção foi a única tolerada pelos moradores e veranistas naquela linha de frente para o mar. O desejo do vislumbre da paisagem à frente, dos

paquetes deslizando pelo mar, sem construções ou concreto para atrapalhar a vista fazia-se, naquela época, o papel de plano diretor da Redinha, elaborado pelos próprios entusiastas da praia.

O prédio estava sob a administração da Associação de Veranistas. A primeira sede era de madeira e somente em 1935, após uma reforma ergueram com as pedras da praia.



GETÚLIO SOARES

Tesoura **DE OURO**

BADALADO
CABELEIREIRO
CONHECIDO
TAMBÉM
PELOS DOTES
CULINÁRIOS
E HISTÓRIAS
HILÁRIAS QUE
RECHEIAM SUA
VIDA, GETÚLIO
SOARES CHEGA
A 50 ANOS DE
PROFISSÃO COM
MUITOS LOUROS
PARA FESTEJAR E
SEM MEDO DE SE
REINVENTAR

Por Aura Mazda
Fotos: Cícero Oliveira



De tesoura e “língua” afiadas, o cabeleireiro Getúlio Soares, 65 anos, chega a meio século de carreira se reinventando pessoal e profissionalmente. Com bom humor - sua marca registrada -, leva o talento e a tradição para o salão Beleza-ria Natal. No local, recebe clientes que o acompanham há décadas e os novos curiosos em busca de ter as madeixas renovadas pelo único cabeleireiro que tem a alcunha de “Tesoura de Ouro” na terra de Câmara Cascudo.

Natalense de nascença e cora-ção, começou a trabalhar profissio-nalmente aos 15 anos de idade, em 1970, época cercada de preconceito com os rapazes que queriam seguir a profissão *de hair stylist* na então provin-ciana capital do Rio Grande do Norte. O ambiente desfavorável, no entanto, não desmotivou-o a

persistir com o seu grande so-nho: ser cabeleireiro.

Trancado dentro do quar-to de casa, no tempo que ainda aflorava sua puberdade, ensaiou os primeiros passos na profis-são penteando e despenteando cabeleiras de perucas de mane-quins. Para ganhar o próprio di-nheiro, começou a trabalhar com Bosco, recém-chegado do Ceará em Natal. Na época, quem “fazia a cabeça” dos natalenses eram Severino, Da Luz, Anninha e Bos-co, o último em um salão na Rua Afonso Pena.

A trajetória de Getúlio Soa-res é cheia de casos e causos, daqueles de fazer a barriga doer de gargalhadas. Com ele, os fatos sempre foram assim, cercados de bom humor. “Bati na porta de Bosco pedindo emprego, menti que tinha experiência, não tinha. Quando fui lavar o primeiro ca-belo, dei um banho na cliente. Fui flagrado. Meu patrão disse que eu não tinha experiência ne-nhuma, mas estava cheio de boa vontade. Foi aí que comecei e nunca mais parei”, conta.

Foi no coração dos bairros de Tirol e Petrópolis que esse irrequeto profissionais de mãos cheias consagrou o seu talento em meio à *high society* potiguar. “Toda a sociedade de Natal pas-sou pela minha mão pelo menos uma vez na vida”, diz com orgu-lho de sua história. De pai para filho, a tradição de cortar o cabe-lo com Getúlio perpetua-se. “Os homens são mais fiéis a mim do que as mulheres”, pondera.

MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR

Com Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) divide não só o local de nascimento. O ilustre escritor fez parte da cartela de clientes atendidos pelo Tesoura de Ouro, em meados do final da década de 70 e início dos anos 1980. Uma vez por mês atendia a família: a filha Anna Maria, a neta Daliana, a esposa de Cascudo, Dona Dália, e do próprio ilustre potiguar considerado entre os maiores estudiosos da cultura brasileira. “Quando eu digo isso o povo pensa que eu sou Matusalém”, contou às gargalhadas, em referência ao patriarca bíblico conhecido por ser o homem mais longevo de toda a Bíblia, que teria vivido por 969 anos.

Personagem inesquecível da Belle Époque natalense, a empresária Maria Oliveira Barros, conhecida socialmente como “Maria Boa”, dona do ‘cabaré’ mais famoso de Natal, foi uma das clientes inesquecíveis de Getúlio. Vestida de tailleur e com a elegância de Catherine Deneuve, musa de Yves Saint Laurent, ela entrava no salão e se apresentava apenas como Maria. Era mulher de poucas palavras. “Nunca foi de conversar, usava joias bonitas, elegantíssimas. Um dia, Zé [José] Bezerra estava no salão e me contou quem era, achei maravilhoso ter esse prazer”, declara.

Na época em que Ponta Negra ainda era praia de veranejar, Getúlio lembra de uma das muitas histórias hilárias que viveu. “Fui



“Nunca foi de conversar, usava joias bonitas, elegantíssimas. Um dia, Zé [José] Bezerra estava no salão e me contou quem era, achei maravilhoso ter esse prazer.”

arrumar a filha de uma cliente para casar, em uma época que casar grávida era um escândalo sem tamanho. Quando cheguei

e entrei, a cadelinha começou a latir para mim, bem gordinha. Logo perguntei, bem inocente: Ela está grávida? (a cadela). A mulher, horrorizada, me perguntou como eu sabia que a filha estava grávida”, relembra aos risos.

Das histórias que viveu em salões de beleza até perrengues chiques nas avenidas de Nova York, Getúlio Soares tem muitas para contar. E ele promete contar tudo em um espetáculo teatral, atendendo a um apelo de amigos. Diz que vai lançar o seu show “nem que seja do Juvinho Barreto”, de uma vida repleta de brilho, “aperreios” e bom humor. Vem aí, mais breve do que se pensa, o *stand up* “Getúlio in concert: de Natal para o mundo”.



COLONISMO SOCIAL

Getúlio Soares lembra com carinho o tempo em que as mulheres passavam semanas e até meses preparando suas casas para dar bailes que entravam noite adentro. Era nessa época que brilhavam em Natal as “dezmias” do saudoso badalado colonista Jota Epifânio, da Tribuna do Norte. Para fazer parte da lista era necessário cumprir os requisitos de elegância, boa educação e receber bem. Esta-

vam entre as agraciadas: Eleni e Magaly Fonseca, Iêda Porto, Da Graça Ferreira de Souza Viveiros, Denise Gaspar e Jerusa Bulhões.

Uma das passagens de sua vida foi a época em que foi colonista social, quando trabalhou na coluna “Poder Jovem”, de Epifânio, e posteriormente com Toinho Silveira. A profissão, segundo ele, mudou bastante, mas não perdeu valor. Antigamente,

a vitrine dos mais abastados era a coluna social e hoje passou a ser a rede social. “Qualquer um pode fazer uma postagem e dizer que está na Patagônia, na ‘brucuta caninana’, você faz a sua playlist social. Mas é inegável que as pessoas gostam de aparecer, mostrar o poder, como vivem. Isso não vai mudar nunca, seja aqui, em Goianinha ou Nova York, as pessoas amam ostentação”, avalia.

RECOMEÇO

Ao passo que comemora o amadurecimento profissional, Getúlio Soares também lamenta e supera as perdas causadas pela pandemia da covid-19. Após morar 20 anos na mesma casa, teve que se mudar. Em 2020 e 2021, a pandemia matou milhares de pessoas e fez comércios fecharem as portas por meses. Com os salões de beleza não foi diferente. A clientela de Getúlio, pessoas com idade mais avançada, tiveram que ficar em suas casas. O efeito cascata veio acompanhado da velocidade de um foguete. “Tive uma queda enorme de atendimentos. Até hoje, quem mais recebo são os clientes masculinos, porque as mulhe-

res vêm muito pouco, ainda sentem receio. Me desfiz de tudo e agora estou recomeçando na Belezaria. Eu não tenho preguiça de trabalhar e nem sei ficar parado”.

O trabalho ainda na adolescência proporcionou com que Getúlio realizasse sonhos com pouca idade. Aos 21 anos visitou a Cidade Luz, Paris, sozinho, com o dinheiro fruto do seu trabalho. No entanto, foi a pluralidade e a modernidade dos EUA que ganharam o coração do potiguar. “A minha carreira me abriu muitas portas, de tudo. Conquistei tudo o que queria, só poderia ter me organizado melhor financeiramente, sempre gastei muito, mas

não choro o leite derramado, eu andei o mundo, tudo por causa da minha profissão. Também devo a ela as minhas amizades, todas sem puxar saco, eu não gosto disso”.

Além de viajar, encontrou-se na culinária. Concluiu o curso de gastronomia no Hotel Escola Barreira Roxa porque acredita que é na cozinha onde desestressa e a alma de artista aflora em criações. É lá que pretende ficar maior parte de seu tempo quando se aposentar das tesouras: cozinhando, recebendo amigos e contando as singularidades de uma vida feliz e cheia de episódios – digamos assim – dos mais inacreditáveis e hilários. Uma das muitas aconteceu na Fazen-





da Irapuru, do Majó Theodorico Bezerra, numa grande festa de recepção do então ministro Mário Andreazza, com presença de diversas autoridades.

Pois bem, para a ocasião, uma pomposa queima de fogos foi preparada para iluminar os céus quando o ministro adentrasse, ao som de banda de música e coral. Na hora aguardada, eis que surge um carro repleto de gente, a chegada de Andreazza é anunciada e, na primei-

ra porteira, os fogos começam a ser disparados. Na segunda porteira, com os fogos ainda pipocando, a banda começa a tocar e o coral, formado por mulheres (todas da própria fazenda), cantava “Qual cisne branco que em noite de Lua/Vai deslizando num lago azul/O meu navio também flutua...”. Aí, quando os integrantes descem do carro, gritos de “para”, “para”, “para tudo” ecoaram. Não era o ministro, mas sim o

badalado cabeleireiro Getúlio Soares, de Natal, acompanhado de uma animada turma de plumas e paetês.

Resultado: quando o ministro chegou, nada de fogos restava para estourar. Imaginem vocês a cena.

Esse e muitos outros acontecimentos na vida de Getúlio esperamos que ele conte ao vivo e em cores, em breve, no tão esperado, pelos amigos, show intimista.



ARTE EM PLUMADA

Como negócio ou como hobby, a criação de aves ornamentais se firma como uma atividade que encanta

Por Cícero Oliveira
Fotos: Cícero Oliveira



A QUANTIDADE DE ANIMAIS que vivem diretamente com o homem é ampla. Muitas pessoas gostam de gatos, outras de cães. Algumas preferem porquinhos da Índia ou mesmo animais não tão comuns, como ratos, cobras ou iguanas. O mercado de animais domésticos não se restringe ao mundo pet. Nesse contexto, o mercado de aves ornamentais vem ganhando espaço, ainda que de forma mais incipiente. O destaque é a criação de aves de maior porte, como faisões, galinhas ornamentais, grou, guiné, marrecos, pavões, perdizes, tucanos e turacos.

Os compradores de aves ornamentais de pequeno porte geralmente são pessoas que vivem em casas ou apartamentos, mas para quem mora em lares com terrenos mais amplos e principalmente para quem possui chácaras, sítios ou fazendas, a opção mais frequente tem

sido a criação das de maior porte.

Esses animais chamam a atenção geralmente pela exuberância de suas plumagens, a intensidade das cores das penas ou mesmo a diversidade de tamanhos e formatos. Antônio Damasceno Duarte, que é agropecuarista e cria pavões apenas por lazer, gosta de afirmar que “entrar em viveiro com esses animais é como passear dentro de uma galeria de arte”. Já o empresário Moacir de Sousa, que possui um pequeno sítio no qual passa os fins de semana, conta que começou a criar aves exóticas de forma despreocupada. Ganhou um casal de faisões de um amigo, mas se encantou tanto que hoje possui mais de 50 aves na pequena propriedade. “Criar essas aves é uma verdadeira terapia, a cada final de semana eu saio do meu sítio com as minhas energias renovadas”, afirma Moacir.



Cuidados especiais: além da alimentação adequada, a criação de aves ornamentais requer atenção às vacinas, medicamentos e registro nos órgãos responsáveis

Darwin e a cauda do pavão

A exuberância desses animais também despertou a curiosidade da ciência. Em 1860, o botânico estadunidense Asa Gray, cristão que não via nenhum conflito entre o evolucionismo e a natureza como um projeto divino, recebeu uma carta de Charles Darwin na qual ele dizia que se sentia mal quando observava a cauda de um pavão. O problema que atormentava Darwin

era que ele não conseguia entender como a Teoria da Evolução das Espécies, ainda em desenvolvimento por ele àquela época, se aplicava aos pavões. Aves tão esplendorosas não poderiam sobreviver e evoluir, pois com uma plumagem tão chamativa facilmente elas seriam atacadas por seus predadores.

Glaudson Albuquerque, pesquisador e curador de exposi-

ções sobre ciência, ajuda a entender a questão: “de fato, a cauda do pavão é esplendorosa, e sua beleza encanta não somente a nós humanos, mas também à fêmea do pavão, e isso se constitui como fator de sucesso para a reprodução e consequente evolução da espécie. O próprio Darwin chegou a essa conclusão posteriormente e a chamou de seleção sexual”.



A observação e estudo dessas espécies foram relevantes para o desenvolvimento da teoria evolucionista de Charles Darwin







Mais do que lazer, a criação de aves ornamentais pode significar uma atividade econômica rentável e ambientalmente responsável



Para quem deseja

Para quem deseja criar uma ave exótica vale a pena lembrar que, da mesma forma que com todos os outros animais, é importante ter uma atenção especial com a saúde e a alimentação. Cida Vieira, que trabalha em um criatório de aves ornamentais, afirma que “as aves precisam de vacinas, remédios e alimentação adequadas, o nosso cuidado com elas é diário”. Ela também faz recomendação para quem deseja criar uma ave exótica: “toda ave tem que ser registrada e o criador precisa possuir todas as

autorizações dos órgãos responsáveis”, afirma Cida.

O cuidado especial também se deve ao fato de que criar aves ornamentais pode ser considerado até um investimento. O preço de um casal pode variar de pouco menos de R\$ 100 até algumas dezenas de milhares de reais. Um casal de turacos da espécie *Tauraco livingstonii* alcança facilmente mais de 20 mil, preço de uma verdadeira obra de arte. Pela paleta de cores tão vivas e diversificadas pode-se dizer que se trata de um verdadeiro exemplo de Arte Naif.



LAVÔ

Médico e político que foi governador, deputado federal e estadual, Lavoisier Maia coleciona histórias dignas de livro

Por **Leonardo Dantas**

Fotos: Acervo Pessoal e Divulgação



Ocupando o cargo de Governador do RN, Lavoisier cumprimenta o ex-governador Aluizio Alves

AOS 89 ANOS, LAVOISIER Maia é uma figura lendária na política do Rio Grande do Norte. Durante sua trajetória, ocupou cargos públicos importantes como Secretário Estadual de Saúde, Governador do RN pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), Senador pelo PDS e deputado federal e estadual pelos partidos PFL (atual Democratas) e PSB.

“Ele tem uma história vito-

riosa”, afirma sua filha Márcia Maia, que atualmente é deputada estadual pelo PSDB. Além de ser um homem corajoso, Márcia também destaca o pai amoroso e cuidadoso. “Até hoje, mesmo com a dificuldade na fala, ele me liga, pergunta pelas minhas filhas Marcela, Bruna e Eduarda, se está tudo bem. Ele é um homem admirável, mas sua história não foi fácil”, lembra Márcia.

VIDA

Lavoisier Maia Sobrinho nasceu em uma fazenda na cidade de Almino Afonso, interior do Rio Grande do Norte, em 1928. Porém, foi registrado em Catolé do Rocha, na Paraíba. Filho do médico Lauro Maia e Idalina Maia, sofreu seu primeiro golpe quando perdeu sua mãe com menos de dois anos de idade. Foi criado por sua tia Lília Maia e viveu na zona rural até os 11 anos.

Na cidade de Patu começou seus estudos na Escola João Godeiro e em seguida mudou-se para Mossoró para estudar o então ginásial no Colégio Diocesano Santa Luzia. Após quatro anos, partiu para Recife para estudar o científico, hoje conhecido como Ensino Médio. Morando em uma pensão, Lavoisier recebia ajuda financeira do pai, mas passava dificuldades. “Ele chegou a passar fome mesmo em Recife”, conta Márcia. Incentivado por familiares, estudou Medicina em Salvador, Bahia, e formou-se em 1954.

Nesse mesmo ano, seu pai, que ocupava o cargo de prefeito da cidade de Patu, foi assassinado com quatro tiros em frente ao Hotel América, na Avenida Rio Branco, no centro de Natal. “Perder o pai foi outro momento muito difícil para ele”. O assassinato do médico Lauro Maia foi fruto de uma briga familiar entre os Maias e os Suassunas da Paraíba, que havia se iniciado na década de 20 do século XX. Vale destacar que essa briga familiar é presente na obra de Ariano Suassuna, que, apesar de nunca ter se envolvido diretamente, faz parte do clã da família paraibana.

Após a morte do pai, fez especializações em Planejamento de Saúde, na Universidade de São Paulo (USP), e em Ginecologia e Obstetrícia, com o título conferido pela Associação Médica Brasileira (AMB) e pela Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo).

Lavoisier não quis se envolver na briga entre as famílias e foi clinicar em Catolé do Rocha, na Paraíba. É dessa época um episódio que Márcia conta que seu pai sente muito orgulho. “Uma moça estava com um bebê morto na barriga e seu marido saiu pedindo ajuda a diferentes médicos da cidade, que se recusavam a fazer o procedimento devido ao risco de morte da paciente. Meu pai estava no início de carreira, mas decidiu ajudar. Então foram horas de trabalho, ele conseguiu retirar o corpo do bebê e fazer uma higienização na paciente, porque o maior risco era uma infecção. Ele conta que o marido da paciente ao final de tudo ofereceu um cuscuz com ovo, e esse

foi o cuscuz mais gostoso que ele comeu na vida”. Essa história se espalhou pela cidade e Lavoisier ficou reconhecido pela coragem e o comprometimento de ter se arriscado no caso, principalmente por estar em início de carreira.

Reconhecido e querido pela população de Catolé do Rocha, Lavoisier tornou-se presidente do Clube Social da cidade. E foi em meio a uma festa no local, na noite de 9 de setembro de 1956, que se iniciou um tiroteio entre membros da família Suasuna, que haviam sido proibidos de entrar na festa, e os Maias. Na troca de tiros, Lavoisier ficou gravemente ferido. Seu primo Otávio Maia foi o responsável por buscar sangue em Mossoró para socorrê-

-lo. Lavoisier iniciou então um tratamento no Recife e depois no Rio de Janeiro. Longe da família e dos amigos, conseguiu um emprego na capital carioca. Após dois anos, em 1958, passou a residir em Natal. Com um emprego federal, atuou como médico e professor do Departamento de Tocoginecologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde também foi diretor da Maternidade Escola Januário Cicco. “Ele fazia muitos partos na maternidade, tanto normal como cesárea. Também tinha um consultório no Edifício 21 de Março, no centro de Natal, e era muito requisitado. Ele deu exemplo como médico e como agente público político”, orgulha-se Márcia Maria.



Lavoisier ficou conhecido pelo seu programa na área de saúde, que colocou um médico em cada município



Lavoisier Maia recebendo o título de Cidadão Natalense em 2010 das mãos de Ney Lopes Jr e do ex-vereador Gustavo Mariz, proponente do título em 1983

POLÍTICA

Não havia interesse no ingresso da vida pública por parte de Lavoisier. Ele chegou a recusar o convite de seu primo e amigo íntimo Tarcísio Maia, então governador do RN, para assumir a Prefeitura de Natal. Em sua biografia “Lavoisier Maia Sobrinho – Um homem de superações”, lançada em 2008, ele conta que só aceitaria um cargo se tivesse a ver com sua profissão. Foi então que assumiu a Secretaria de Saúde do Estado, no período de 1975 a 1979.

Nessa mesma época, presidiu a Comissão de Fiscalização Estadual de Entorpecentes do Ministério da Saúde, em Natal. Atuou também como Secretário do Interior e Justiça norte-rio-grandense (1976-1977) e foi presidente do

Conselho Diretor do Fundo Estadual de Saúde (1976-1978).

Em 1979, o nome de Lavoisier estava na lista de seis nomes que o governador Tarcísio Maia levaria para o governo militar como possíveis sucessores. Em entrevista ao jornal Tribuna do Norte, em 2008, Lavoisier declarou que sentiu “um frio na espinha” quando recebeu o telefonema do seu primo informando que ele seria nomeado Governador do Rio Grande do Norte, pela Arena.

Como chefe de executivo potiguar, “Lavô” construiu moradias populares e implantou medidas que tinham como objetivo a solução do problema da falta de água, assim como garantir a che-

gada de energia elétrica às zonas rurais. Na solenidade de entrega do título de cidadão natalense pela Câmara Municipal de Natal, em 2010, proposição do vereador Ney Lopes Jr, ele lembrou as conquistas de Lavô como governador do RN. “Lavoisier Maia fez uma gestão aguerrida, começando pela escolha dos nomes dos seus auxiliares. Destaco a obstinação a alcançar metas de governo, como levar água para João Câmara e Macau, cidades que viviam há anos o drama da falta de abastecimento coletivo. Além disso, seu governo construiu vários conjuntos habitacionais em Natal e no interior do estado, e milhares de quilômetros de eletrificação rural”.

Uma das marcas de sua gestão também foi o programa de saúde pública que levou pelo menos um médico para cada município do RN. “Até hoje as pessoas lembram com muito carinho desse programa de incentivo dos médicos morarem no próprio município”, afirma Márcia. O projeto chegou a ser considerado exemplar e modelo pela Organização Pan-americana de Saúde, uma das mais antigas agências internacionais de saúde do mundo. “Também quando visito alguns municípios as pessoas falam ‘olha, foi seu pai que trouxe água para cá quando foi governador’. É sempre muito reconhecido. O servidor público lembra com muito carinho, a Polícia Militar também. Foi um governador indicado, mas depois se candidatou ao Senado e passou pelo crivo do voto popular, e também fez o sucessor dele”.



Inaugurando Centros de Saúde pelo interior do RN

Para os natalenses, uma obra marcante foi o início da construção da Via Costeira, em 1977, consolidando e dando estrutura a Natal para se tornar um destino turístico. Além de incentivos financeiros para a compra de terrenos, a partir do comprometimento com a

construção de uma rede hoteleira que ajudasse no desenvolvimento do turismo. A obra foi concluída no governo de José Agripino, mas gradativamente hotéis já iam se instalado no local. Destaque também da duplicação do asfaltamento da Avenida Engenheiro Roberto Freire, que liga Natal ao litoral sul.

Esse mesmo período também foi o início da vida pública da ex-governadora Wilma de Faria, então casada com Lavoisier. À época, atendia pelo nome Wilma Maia. Como primeira-dama, assumiu a presidência do Movimento de Integração e Orientação Social (Meios), em 1979. Lavô e Wilma tiveram quatro filhos: Lauro, Cinthia, Cristina e Márcia Maia, e se separaram depois de 20 anos de casados. O ex-governador já tinha uma filha antes do casamento, Maria Socorro Maia.



Em campanha ao lado de Wilma de Faria (Foto: Arquivo TN)



**Ao lado do ex-presidente
João Figueiredo em visita ao RN**

Já filiado ao PDS, Lavô elegeu seu primo José Agripino como governador em 1983 e foi nomeado em seguida assessor do Ministério da Saúde para o Rio Grande do Norte. No ano seguinte, foi um dos poucos membros do PDS a apoiar Paulo Maluf nas eleições indiretas para Presidente. A primeira experiência no legislativo aconteceu nas eleições de 1986, logo após a redemocratização quando foi eleito senador pelo PDT. Período onde se instalava a Assembleia Constituinte e na qual teve bastante destaque nas questões ligadas à saúde pública. Ele foi autor de várias propostas legislativas que resultaram na criação do Sistema Único de Saúde (SUS), o que lhe rendeu uma homenagem em 2013, pela OAB.



**Na recepção ao
Ministro Ibrahim
Abi-Ackel em
1981 na UERN**



Carlos Alberto de Souza, Lavoisier Maia, o ex-governador Tarcício Maia, José Agripino segurando no colo o atual deputado federal Felipe Maia, na campanha de 1982



**Solenidade realizada pela OAB em homenagem
aos parlamentares constituintes, em 2013**

CONFLITOS

Nas eleições de 1990 a família Maia se divide e Lavô e Jajá (como era apelidado José Agripino) rivalizam-se no processo eleitoral no pleito para governador. Agripino vence, mas Lavoisier mantém sua cadeira no Senado e ainda consegue eleger Garibaldi Alves Filho também para o Senado, já que havia acordo com os Alves.

No ano seguinte, Lavoisier tem a vida pessoal ganhando as manchetes dos jornais. O fim do casamento de 20 anos com Wilma repercute com ares de sensacionalismo. Traições, detetives e fofocas deram um ar novelesco ao caso. Em 1994, os dois se enfrentam na eleição para o Governo do Estado, apesar dos diversos pedidos dos familiares de nunca disputarem o mesmo cargo.

Em entrevista ao jornalista Xico Sá, para a Folha de São Paulo, em maio daquele ano, Lavô declarou que não iria levar a vida privada para a campanha. “Eu puxo a orelha de quem fizer qualquer tentativa dessa natureza. Vida privada de ninguém. Nem dela (Wilma) nem de outros candidatos”. Ainda na mesma entrevista, Lavoisier comentava as propostas de casamento que recebia durante a campanha: “Meu Deus do céu, é uma loucura. Em cada lugar aparece uma mocinha me propondo alguma coisa desse tipo. Mas levo



Os primos poderosos
Lavô e Jajá



na brincadeira. Sou muito brincalhão em campanha. É tanto que sou conhecido como ‘candidato beijoqueiro’”. Terminou em segundo lugar para governador, perdendo para Garibaldi Alves Filho, e manteve-se senador até 1995.

No ano de 1998, ainda no PFL, Lavoisier concorre a uma vaga na Câmara Federal e vence. Nessa legislatura, se tornou o vice-líder do partido. Participou de duas comi-

sões que visavam alterar através de uma PEC a representação classista na Justiça do Trabalho e outra sobre recursos da Seguridade Social ao Sistema Único de Saúde (SUS). As duas se tornaram emendas constitucionais. No pleito de 2002, foi eleito suplente e efetivado após a eleição de Iberê Ferreira para vice-governador do Rio Grande do Norte. Após tomar posse, filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB).



Foto atual de Lavô e Jajá

RECOMEÇO

Na véspera do início da campanha eleitoral de 2006, se preparando para a disputa da reeleição, Lavoisier sofre um Acidente Vascular Cerebral e entra em coma. Em São Paulo, passou meses em tratamento. As pesquisas mostravam que o ex-governador tinha fortes chances de reeleição. Mas devido ao seu estado de saúde, a família o convenceu a se candidatar a deputado estadual para ficar mais próximo e não ter a necessidade de viajar para Brasília.

“Como deputado estadual ele foi um exemplo de superação”, afirma Márcia. Ela ressalta também que as pessoas tendem a ter mais lembranças do seu pai como executivo mais do que legislador, mas que sua vida política na Assembleia foi exemplar.



Lavô no meio do povo

“Ele era um parlamentar assíduo, tinha suas dificuldades devido os problemas causados pelo AVC, inclusive dificuldade na fala. Mas ele vinha para a sessão, partici-

pava de todas as votações e ainda se inscrevia para falar e fazer pronunciamentos. Tê-lo ao meu lado aqui na Assembleia foi muito bom, uma referência”.



Na procissão de Santos Reis, recebeu o abraço do senador Garibaldi, ao lado de sua esposa Teresinha Maia



Na campanha de 2014, caminhou pelas ruas de Natal ao lado do então candidato a presidente Eduardo Campos, Wilma de Faria, candidata ao Senado, e Márcia Maia

Atualmente, mesmo sem ocupar cargos, Lavoisier acompanha e está atento aos fatos políticos locais e nacionais. Um de seus costumes atuais é acompanhar a TV Assembleia e TV Senado. “Ele sempre me liga dizendo que tem me visto na TV, acompanhando”, lembra Márcia. No pleito de 2016, ele visitou diversas regiões da cidade fazendo campanha ao lado de sua filha, que concorria à Prefeitura.

Ao se despedir da vida pública em 2011, declarou: “Não serei mais candidato a nenhum cargo, mas isso não significa que estarei ausente e nem omissos às questões políticas do meu Estado. Os cargos que exerci me credenciam para que continue atento aos fatos e presente sempre que necessário”. Hoje, vive ao lado de sua esposa Teresina Maia uma vida tranquila e comemorando o nascimento recente do seu primeiro bisneto, Matheus.



Na Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, obra concretizada em seu governo



Entre os filhos e esposa



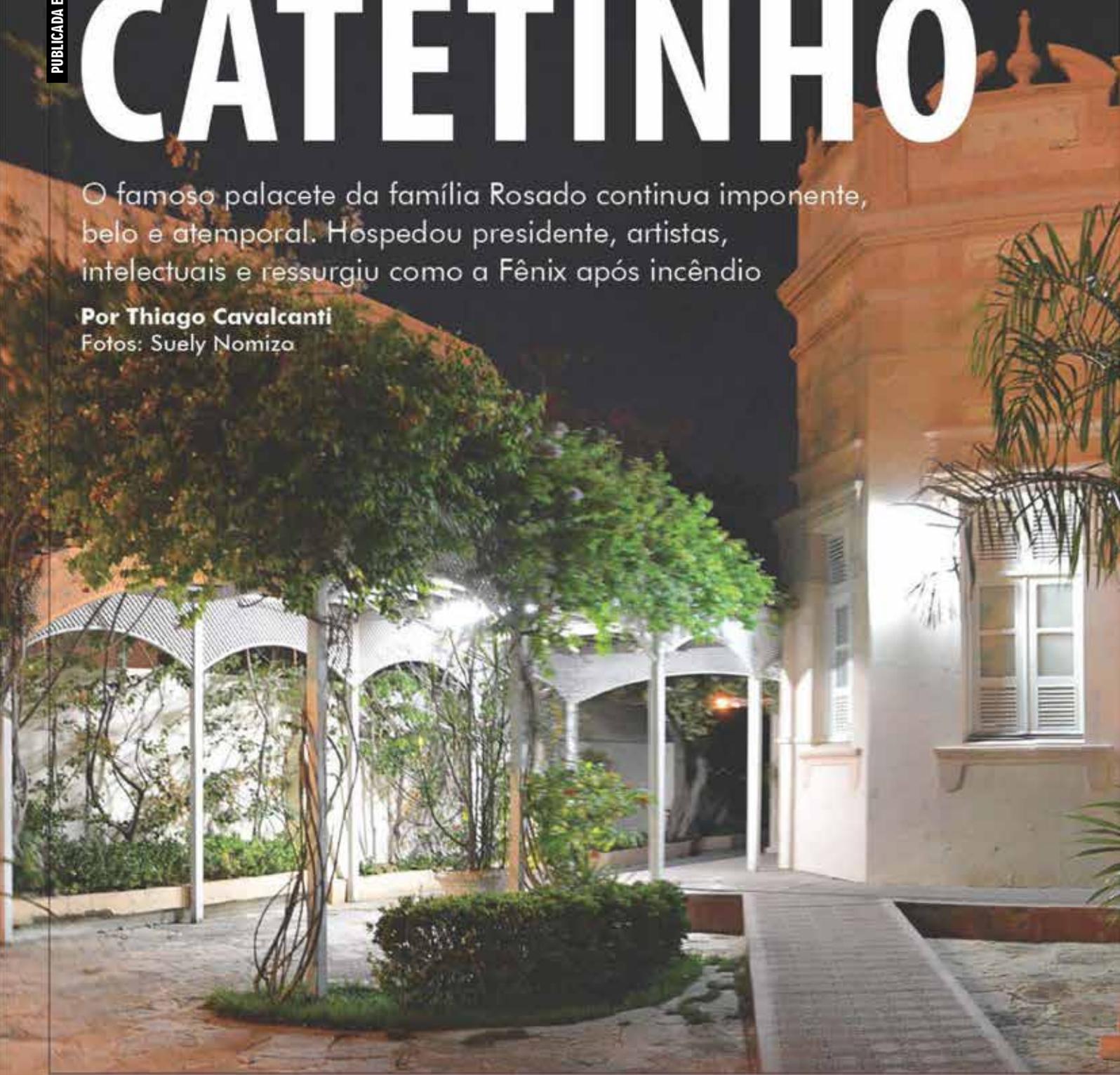
Comemorando a chegada de Matheus, seu primeiro bisneto, filho da neta Marcela Maia

A história do Brasil passa pelo **CATETINHO**

O famoso palacete da família Rosado continua imponente, belo e atemporal. Hospedou presidente, artistas, intelectuais e ressurgiu como a Fênix após incêndio

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Suely Nomizo





INCRUSTADO NA PRAÇA BENTO Praxedes, conhecida por Praça do Codó, no centro da cidade de Mossoró, a residência nº 98 chama a atenção pelo seu estilo arquitetônico do início do século XX (ecletismo). Um belo exemplar que não se faz mais e nem terá o glamour dos dias de glórias vividos pelas famílias que lá residiram. O casarão foi construído em 1918, pelo comerciante Sebastião Fernandes Gurgel. A residência de cômodos generosos, pé direito duplo, jardins circundados e um belo chafariz na entrada, é um verdadeiro palácio de conto de fadas.

Em 1929, foi vendido ao Sr. Miguel Faustino Monte. No ano de 1933, o presidente Getúlio Vargas empreendia uma viagem ao nordeste com seu cortejo. As autoridades locais começaram a pensar nas acomodações da comitiva, o lugar escolhido foi a residência do Sr. Miguel Faustino. No dia 13 de setembro, chega as terras de Santa Luzia o “pai dos pobres”, era assim que Getúlio era chamado. O chefe do governo provisório passou dois dias na cidade. Depois dessa passagem, o palacete ficou conhecido como o “Catete Mossoroense”, em alusão ao Palácio do Catete, então sede do Governo Federal, no Rio de Janeiro.

Em 1945, o industrial Dix-neuf Rosado Maia comprou a casa, realizando um grande sonho e presenteando a esposa Odete, numa prova de amor. A família era numerosa, composta de 12 filhos, entre eles a ex-prefeita de Mossoró Fafá Rosado, agregados e empregados. O casal, que tinha a fidalguia nata, costumava receber nomes expressivos da política brasileira, intelectuais e artistas que vinham se apresentar em Mossoró, como os globais Sérgio Manberti, Stênio Garcia e a diva Tônia Carreiro, que usou um dos quartos da casa como seu camarim.

Foram dias de glórias vividos pelo clã nesse palacete. A família sempre preservou a arquitetura do imóvel, poucas foram as mudanças. O casarão foi cenário de muitas festas, reuniões políticas, usado em editorias de moda e desfiles. O clima nostálgico do Catetinho é uma volta à história do país.

No dia 20 de abril de 1986, morre o patriarca Dix-neuf Rosado Maia, deixando os filhos e seu grande amor Odete. O maior legado do empresário foi deixado para a esposa e para os filhos: a caridade aos próximos. A matriarca da família era muito querida por todos, uma mulher caridosa que alimentava flanelinhas e mendigos do entorno da praça. Todos tinham as refeições diárias garantidas em



A sala onde Dona Odete recebia convidados



Senhor e senhora Rosado no casarão



Foi no quarto do casal que Getúlio Vargas se instalou

NESTA CASA AOS 13 DE SETEMBRO DE 1933, HOSPEDEU SE O / CHEFE DO GOVERNO PROVISÓRIO - DR. GETULIO VARGAS COM SUA COMITIVA E, AQUI, INSTALOU A ADMINISTRAÇÃO FEDERAL. COM ESTE REGISTRO DIXNEUF ROSADO E SUA FAMÍLIA PRESTAM UMA JUSTA HOMENAGEM AO EMINENTE PATRÍCIO QUE, A CRISTA DA REVOLUÇÃO DE 30 ABRIU NOVAS PERSPECTIVAS AO NOSSO PAÍS, PRINCIPALMENTE, PELO ADVENTO DE UMA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA COMPATÍVEL COM O ANSEIO BRASILEIRO DE JUSTIÇA SOCIAL. MOSSORÓ, 13 DE MAIO DE 1938

sua residência.

Anos mais tarde, a vida pregou um susto na família. Um incêndio tomou conta de toda a casa, tudo foi consumido pelas chamas, restando apenas as paredes do Catetinho. O clã reconstruiu a residência. Os últimos moradores foram os filhos Gustavo, Alex e a matriarca Dona Odete Rosado,

que veio a falecer no dia 14 de outubro do ano passado.

Atualmente, o palacete continua desocupado, a família não decidiu o que fazer com o imóvel. De certeza apenas que foram dias maravilhosos vividos nessa épica construção por todos que passaram pelo Catetinho abençoado por Santa Luzia, a padroeira de Mossoró.

O incêndio

Na tarde do dia 12 de janeiro de 2000, a família Rosado se encontrava na Praia de Tibau quando chega a notícia do incêndio. Todos retornam a Mossoró às pressas. De longe, se via as labaredas. Os vizinhos, amigos e transeuntes tentavam apagar o fogo. O Corpo de Bombeiros da cidade demorou a chegar e, para completar, faltou água em suas mangueiras. O piso e forro eram de madeira, o que ajudou a propagar o fogo. As chamas consumiram tudo o que havia dentro do Catetinho: roupas, mobiliário, joias, louças... Não restou nada. O piano, que era o xodó de Dona Odete, no qual ela adorava tocar *La Cumparsita*, o neto Leopoldo tentou salvar, mas não conseguiu, devido ao peso e as labaredas que se aproximavam. Apenas as paredes externas ficaram de pé por serem grossas (60 cm, característico das construções do início do século passado). Foi um desespero geral. As memórias de uma vida transformadas em cinzas. Até hoje, a família não sabe como o incêndio começou.



Fênix

O Catetinho é como o mito da Fênix. Um pássaro da mitologia grega que, quando morria, entrava em autocombustão e, passado algum tempo, renascia das próprias cinzas. Outra característica da Fênix é a sua força, que a faz transportar cargas muito pesadas, incluindo elefantes, como reza uma das lendas.

Pois bem, o Catetinho ressurgiu das cinzas. Em reunião familiar após o susto, ao ser consultada sobre onde iria querer morar, a matriarca Dona Odete foi enfática: “quero continuar morando no mesmo endereço, se for preciso usem todas as minhas economias para reconstruir o Catetinho”. Pedido feito, pedido aceito. Os filhos contrataram uma construtora e a obra foi supervisionada pela arquiteta Cleide Maia, casada com Leopoldo, que foi o engenheiro da obra, neto de Dona Odete. Foram quatro meses de obras, dia e noite sem parar. Toda a parte externa da casa foi inalterada, o resto foi reconstruído, o mais próximo do original, pois muito material não existia mais. Internamente tudo foi refeito, poucas foram as mudanças, para preservar os traços originais da construção. Após o término da obra, os familiares que tinham em suas casas peças e mobiliário que pertenceram ao palacete (quando casavam, le-



A reconstrução da casa que entrou para a História



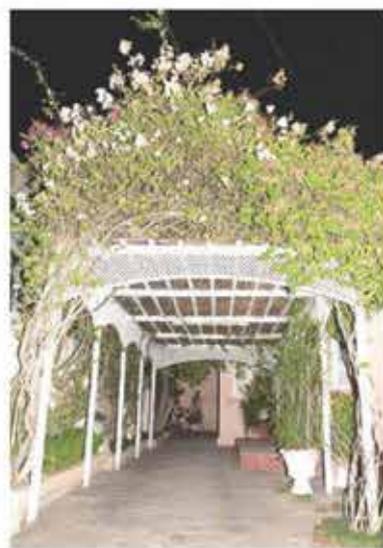
vavam alguma peça da residência), devolveram para recompor os espaços do casarão. Um grande painel de fotos foi montado no corredor, registros dos momentos da família e as personalidades que marcaram presença no lar dos Rosados.

No dia 13 de maio de 2000, o catetinho foi finalmente devolvido à família, belo, imponente e majestoso. Uma missa em ação de

graças foi realizada nos jardins da casa. Mossoró estava em festa, a joia arquitetônica da Praça Bento Praxedes retornava ao corredor cultural. Familiares, amigos e mossoroenses passavam para ver o palácio restaurado, que foi o ninho de amor do casal Dix-neuf Rosado e Odete e que cujas paredes sobreviventes testemunharam páginas políticas e culturais da história do país.



Família não mediu esforços para reconstruir o palacete



A sensibilidade de Dona Odete: uma herança de família

Dia da Caridade

Após a morte da matriarca, a família se reuniu e decidiu instituir o “Dia da Caridade”, em homenagem a Dona Odete. Resolveram fazer algo diferente para evitar que o dia 23 de setembro, data do seu aniversário, se transformasse

numa data triste. A ideia era dar continuidade ao legado da mãe dos pobres da praça Bento Praxedes. A data é celebrada com a família, amigos e todos os protegidos, como são chamados os assistidos da saudosa Dona Odete.

As palavras do clã

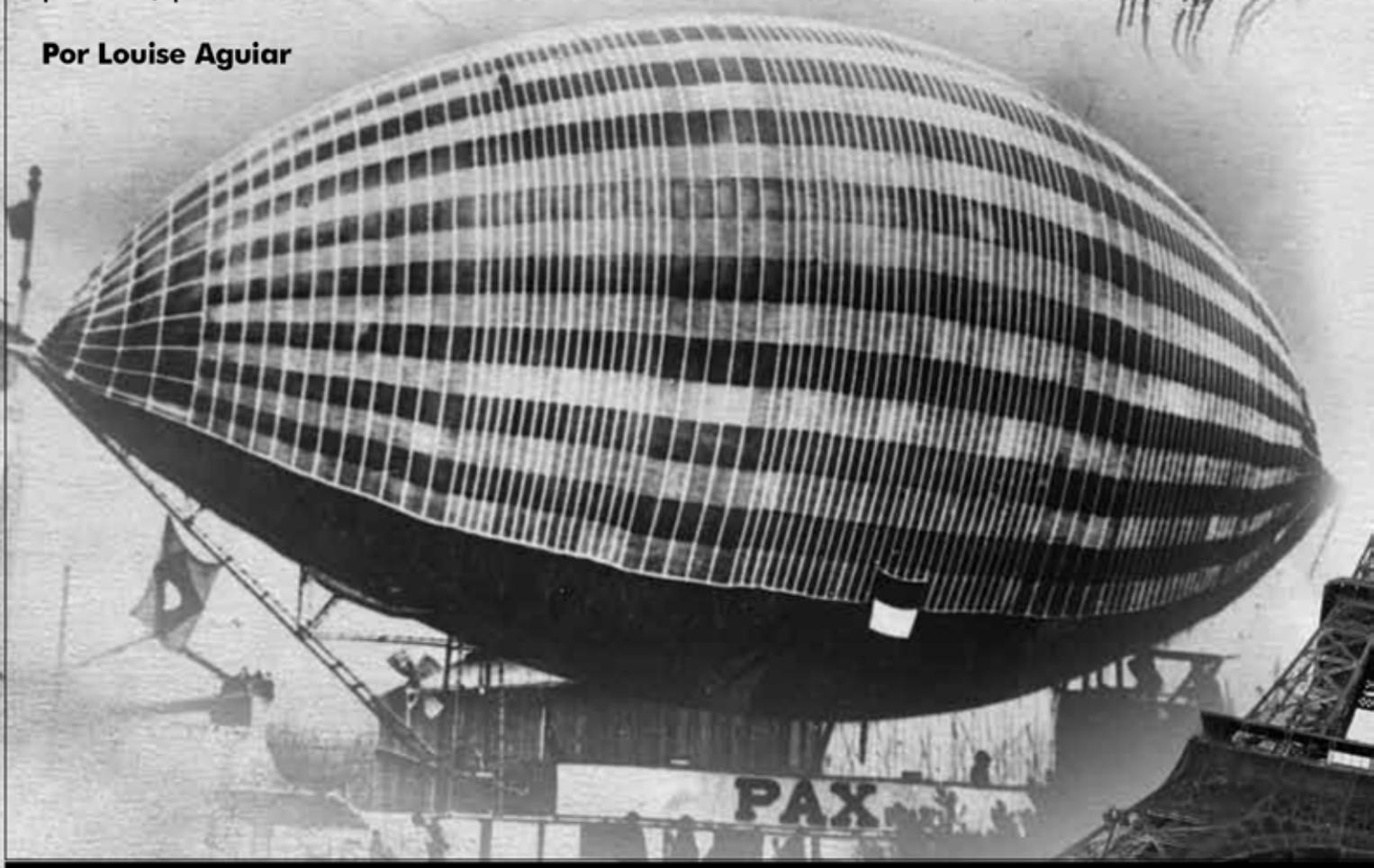
“É importante ressaltar que a caridade, gesto que tanto marcou a vida da nossa rainha Odete, seja praticada em sua plenitude, ou seja, sem publicidade, sem oportunismo e sem desvio de finalidade, afinal de contas, como diz o provérbio judeu, ‘a caridade é anônima, do contrário é vaidade’”.

A Família

O voo do Pax

Potiguar que foi um dos precursores da aviação mundial, Augusto Severo levou o nome do Brasil a Paris, onde morreu em acidente durante voo de exibição com sua invenção que deu o nome de Pax. Parte da família vive até hoje no Rio Grande do Norte e relembra a trajetória do aviador, político, jornalista e aeronauta brasileiro

Por Louise Aguiar





Alberto Santos-Dumont, Augusto Severo e o mecânico francês Georges Sachê



É NA AVENUE DU MAINE, em Paris, que se guarda até hoje uma homenagem ao potiguar que fez história na aviação mundial. Foi lá, em 1902, que o macaibense Augusto Severo de Albuquerque Maranhão sobrevoou a cidade com o dirigível Pax, sua segunda invenção e um dos precursores dos aviões que conhecemos hoje. Mas, aos 400 metros de altura, o dirigível pegou fogo e explodiu poucos segundos depois, projetando Augusto Severo e seu mecânico de bordo, George Sachê, para o solo. Os dois morreram na queda e os restos do dirigível caíram na avenida, onde foi erguida uma placa com os dizeres “À la mémoire de L’Aéonaute Brésilien AUGUSTO SEVERO et de

son mécanicien français GEORGE SACHÊT Chute du dirigeable PAX - Av du Maine, Le 12 mai de 1903”. Também ganharam nome de rua. No 14° Arrondissement, existem as artérias Rue Severo e Rue Georges Sachê, próximas à Avenue du Maine.

Augusto Severo morreu na queda, mas sua história não foi esquecida. Parte da família até hoje vive no Rio Grande do Norte e reúne um acervo rico que conta toda a sua trajetória no mundo da aviação. As origens da família remontam ao século XVII, com a vinda dos irmãos portugueses André, Matias e Jerônimo de Albuquerque para o Brasil, com o objetivo de expulsar os invasores holandeses. Quem conta a



Uma das últimas fotografias de AUGUSTO SEVERO e que foi ofertada ao autor desta biografia, com a seguinte dedicatória: "Ao prezado amigo Augusto Fernandes, autor de "O PIONEIRO ESQUECIDO", livro em que estuda como ninguém, até hoje, o criador do "PAX", uma afetuosa homenagem do seu filho Sérgio Severo. Natal, maio de 1948". (Sérgio Severo morreu em agosto de 1970).

AUGUSTO FERNANDES

O PIONEIRO ESQUECIDO

(BIOGRAFIA DE AUGUSTO SEVERO)

Natal — 1981

história é Lúcia Beltrão Severo, 78 anos, viúva de Augusto Severo Neto, neto do aviator. Os três irmãos se tornaram Albuquerque Maranhão depois de terem tomado São Luís do Maranhão, última capitania, dos invasores europeus. A ordem para acrescentar o sobrenome partiu do rei de Portugal na época. A partir daí a família se fixou e se multiplicou no Rio Grande do Norte, fincando raízes no Guarapes, Macaíba, Canguaretama e Natal. Augusto Severo foi um dos 14 filhos de Amaro Barreto Albuquerque Maranhão e Feliciano de Albuquerque Maranhão, dos quais 12 sobreviveram.

Uma curiosidade sobre o

aviador pioneiro é que Severo não é sobrenome. Segundo Lúcia Beltrão, o nome "Severo" foi escolhido pelo pai, que costumava apelidar todos os filhos de acordo com suas características. "Ele ficou conhecido assim porque o pai o achava muito sisudo, então colocou o adjetivo depois do nome. O primeiro filho era chamado de Pedro Velho", conta. Todos os depoimentos falam na precocidade das suas manias de voar, de inventar, sugerir e discutir. "Tinha mania de propor imagens onde o ar era um ambiente de ação e de posse como água e terra", descreveu o historiador Luís da Câmara Cascudo no prefácio que fez do

livro "O pioneiro esquecido", de Augusto Fernandes, até hoje uma das biografias mais fiéis de Augusto Severo.

O aviator potiguar que levou o nome do Brasil para a França casou duas vezes e teve cinco filhos. Ficou viúvo da primeira mulher, Maria Amélia, aos 32 anos e depois se casou com a italiana Nathalia, com quem teve um filho que batizou Augusto Natal Severo. Passou seus últimos anos de vida em Paris, onde convivia com a alta sociedade, escritores, príncipes e princesas. "Chegou a ser convidado para um evento por um sobrinho neto de Napoleão Bonaparte, Roland Bonapar-



Augusto Severo entre seus irmãos Amaro Barreto e Pedro Velho



Lúcia Severo, viúva de Augusto Severo Neto, exhibe a biografia do aviador

te”, revela Lúcia. Além do círculo de amigadas da alta corte, fazia parte de um grupo de cientistas locais. Na página 22 do livro “A Batalha da Cultura”, Cascudo diz que o botânico francês Visconde de Saint-Lager, (1825-1912), estudioso de orquídeas e admirador de Severo, homenageou-o dando seu nome a um tipo de orquídea, tornando-se o padrinho da *Castacetum Severoanum*, informa o blog Telescope.

Severo também foi jornalista e político. Como deputado federal, apresentou um projeto para que o governo brasileiro doasse 100 contos de réis para Santos Dumont desenvolver seu pro-

jeto de aviação em Paris. No livro “O pioneiro esquecido”, a ata da sessão no parlamento demonstra o deboche com que a proposta foi tratada. “Diziam que era um doido querendo ajudar outro”, frisa Lúcia. Mas Severo e Dumont chegaram a se encontrar poucas vezes.

Em sua casa no bairro do Tirol, Lúcia Beltrão mantém edições do livro de Augusto Fernandes, a original e as subsequentes, além de recortes de revistas, reportagens e muitas, muitas fotos. Foram 28 anos de convívio com a família de Augusto Severo, período em que foi casada com Augusto Severo Neto, falecido em 1991.

Havia mais de 400 peças que contavam a história do aviador, mas que foram enviadas para um museu no Rio de Janeiro. É lá onde está seu túmulo, no cemitério São João Batista. Já foi homenageado com hino e até selo postal.

Entre os irmãos de Augusto Severo, destacou-se também o governador Alberto Maranhão, homem muito ligado à arte. Discorre Lúcia que ele chegou a trazer ópera de Milão, na Itália, direto para Natal. O irmão Jacinto era músico, e a irmã Berta participou da congregação das freiras do Amor Divino. Sem recordar de todos os filhos de Amaro Barreto, Lúcia diz: “Eram muitos”.

Disse Cascudo

Assim descreveu Câmara Cascudo sobre Augusto Severo: “Augusto foi um dos favoritos da família. Não nos mimos, mas na graça que ele inspirava, nos recursos inesgotáveis do seu engenho, na facúndia da explicação chistosa, na facilidade de improvisar, criar, arranjar flores de papel, chapéu de pano, bife de caçarola, papagaio voador ou marca de quadrilha. Ninguém o superou nos jogos de sala, nas agilidades, na força gentil e bem educada. Por sobre tudo, a serenidade, a confiança, a tranquila certeza de poder dispor de si mesmo e possuir-se”.

“O inventor e construtor de dirigíveis estáveis sabia que o domínio do ar havia chegado para o mais pesado. Adivinhava apenas que era preciso atravessar caminho, em soluções sucessivas, para sua conquista. Viveu sempre caminhando nessa direção. Direção que faria de um neto, Augusto Severo Neto, filho de Sérgio, um dos melhores pilotos do turismo aéreo”.

“Severo só tinha amigos íntimos ou inimigos. Não havia indiferentes nem neutros diante daquela fascinante criatura cheia de bondade”.

“Todos os depoimentos falam na precocidade das suas manias de voar, de inventar, sugerir, discutir, de propor imagens onde o ar era um ambiente de ação e de posse como água e terra”.



Nathalia, segunda companheira de Severo, com o filho Augusto Natal Severo



Maria Amélia de Albuquerque Maranhão, esposa de Augusto Severo



Sérgio Severo, defensor do patrimônio histórico do pai, Augusto Severo

Disse Raimundo Soares Brito

De acordo com o historiador Raimundo Soares de Brito, diz o blog Telescope, o major José Manuel Sarmiento de Beires, pioneiro da aviação portuguesa, “quando passou por Natal comandando o hidroavião Argos, autografou para Sérgio Severo, filho de Augusto Severo, um ál-

bum com a seguinte mensagem: “Se não tivesse toda essa coorte de sacrificados, entre os quais Severo, fulge com cintilação imorredoura, as asas humanas não poderiam hoje singrar no espaço com segurança que nos permitiu o Atlântico numa noite inteira de vôo”.

Observador dos voos das aves

Considerado um dos grandes nomes da história da aviação mundial, Augusto Severo teve importante papel no início da engenharia aeronáutica do Brasil. Ao despertar o interesse pela aviação, passou a focar a sua atenção nos voos das aves, para ter mais conhecimento sobre voos. Foi o primeiro passo para construir alguns modelos semelhantes a pipas. Uma delas ele chamou de Albatroz, cujo clube da Aeronáutica em Natal adotou o nome para lhe prestar homenagem.

Seu primeiro invento considerável foi o dirigível Bartholomeu de Gusmão. O governo brasileiro custeou a fabricação após ouvir opiniões favoráveis de professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro sobre a tecnologia que seria aplicada. O dirigível, que foi fabricado na Europa em 1892, ganhou esse nome em homenagem ao inventor Bartolomeu de Gusmão, que, em 1709, apresentou para a corte um pequeno balão de ar quente.

Somente em 1893 o dirigível chegou ao Brasil, com suas primeiras ascensões um ano depois da aterrissagem. Alguns problemas de ordem financeira fizeram com que parte do projeto fosse alterada. Uma curiosidade era que as estruturas rígidas foram construídas com o uso de bambu. Apesar de toda tecnologia considerável para a época, o dirigível teve vida curta e já em seu primeiro voo, livre de qualquer tipo

de amarras, a estrutura de bambu não suportou e partiu-se, levando o inventor a aperfeiçoar os seus estudos para uma futura empreitada.

Em 1902, Augusto Severo reuniu todos os seus recursos financeiros e pediu mais emprestado a amigos para desenvolver o novo dirigível: o famoso Pax. O nome era um retrato de sua crença de que tal instrumento poderia evitar guerras entre as nações. De tecnologia mais avançada e menores dimensões que o antecessor - 30 metros em comparação aos 60 do Bartholomeu de Gusmão -, o Pax sobrevoou, no dia 12 de maio daquele ano, os céus de Paris, chegando a realizar círculos fechados desenhando figuras em

forma de oito no céu da cidade luz.

Severo pretendia concorrer ao prêmio de 100 mil francos (US\$ 20 mil) do Grande Prêmio do Aeroclube da França, criado em 15 de abril de 1900 e destinado a quem criasse a primeira máquina voadora eficiente. Mas quando chegou a cerca de 400 metros de altura o Pax pegou fogo e explodiu. O potiguar e seu mecânico de bordo foram arremessados para o solo. O terrível acidente o tornou um 'Mártir da Tecnologia Aeronáutica'. Morreu cedo, mas o deixou famoso. No dia 31 de maio de 1902 a glória partiu do grande poeta Olavo Bilac, que escreveu: "para Augusto Severo, o desastre foi uma glorificação".



Marca esquecida

A maior homenagem a Augusto Severo no Estado foi o seu nome para o primeiro aeroporto internacional, mas não existe mais. Foi desativado após a construção do aeroporto de São Gonçalo do Amarante, que recebeu o nome de Aluízio Alves.

PRAZER

COM IRREVERÊNCIA

Único no Brasil, o Motel Thaiti reuniu a genialidade do seu proprietário à fertilidade da ousadia a céu aberto e entre quatro paredes, onde, reza a lenda, o sabor inigualável da água de coco servida era proporcionada pelo uso de sêmen misturado à água jogada nos coqueiros

Por Janáina Amaral

Fotos: arquivo pessoal e Sueli Nomizo



A CONTA SERÁ PAGA DENTRO DO APARTAMENTO

VACINE O CACHORRO DO SEU MARIDO RAIVA MATA



CONHECIDO COMO IRREVERENTE, piadista, tiradas inteligentes, o empresário Alcyony Dowsley (escreve-se o primeiro nome assim mesmo, com dois ipsilones), quando chegava, tornava-se centro das atenções. Apelidado de “Galego” pelos amigos, marcou época em Natal. Foi dele o primeiro motel da cidade, que rapidamente ficou famoso. Era o Motel Tahiti, no bairro de Capim Macio, um bairro ainda pouco habitado.

Sagaz no pensamento e com criatividade ímpar, Alcyony era tido como um ótimo vendedor. E foi com esse feeling que o pernambucano de origem Irlandesa e eterno apaixonado pela capital potiguar trabalhou por 21 anos no ramo de motel e es-

creveu sua história. Dentre as muitas frases criadas por ele para o marketing do “aconchego do amor”, talvez a que mais marcou dizia: Motel Tahiti, o paraíso é aqui.

Pode-se dizer que Alcyony estava no lugar certo, na hora certa, mas seu instinto de vendedor/empresário o fez correr atrás do seu próprio negócio. “Um dia, num churrasco informal na casa do amigo Arimar França (já falecido), outros amigos que também estavam lá como convidados disseram que o que estava faltando em Natal era um motel. Os amigos se viraram e foram logo afirmando ‘quem faz isso aí é o Galego’”, conta Rodrigo Dowsley, empresário do ramo da gastronomia herdeiro de Alcyony.

E foi assim que tudo começou. Pode parecer conversa de clube do bolinha, vários homens bebendo, comendo e jogando conversa fora e falando em abrir um motel. O fato é que a sagacidade de “Galego” fez com que ele levasse a conversa informal do fim de semana adiante. Vislumbrou ali um negócio. Que deu certo. Providenciou rapidamente documentação e projeto. Naquela época o governo estava com uma linha de financiamento excelente para quem queria investir, e assim nasceu o primeiro motel da cidade, já grande, ocupando 15 mil metros quadrados de área, com 58 apartamentos e espaço para ampliar. O motel Tahiti foi inaugurado em 1974 e funcionou por 21 anos.

“A escolha pelo nome Tahiti também foi rápida. Papai contava que o amigo Arimar França havia conhecido o Tahiti (a maior ilha da Polinésia Francesa), descrevia ser um lugar lindo, cheio de mulheres belas, aí Dowsley, mais rápido que ligeiro, disse: Pronto, o nome do motel será Tahiti”, conta Rodrigo.

De certo, o Motel Tahiti foi um case de sucesso principalmente por suas faixas, suas campanhas publicitárias, sem a presença de agência. Tudo partia da criatividade do próprio dono e assim despertava um desejo por conhecer o local. Alcyony amava Natal e era engajado nos temas atuais. Em dias de vacinação, por exemplo, espalhava faixas pela cidade e, com tom criativo, passava

o recado e fazia um marketing espontâneo que tornava o motel um acontecimento, despertando àquela vontade de conhecer um local tão especial que se preocupava com o social.

Assim eram as irreverentes faixas: em época de campanha de vacinação de cães e gatos, anunciava a faixa, como o nome do motel em grande visibilidade: Vacine a gata da sua sogra, vacine o cachorro do seu marido. No Dia das mães: Pai, leve mãe para o Tahiti, ela também merece. Festa do Boi: Sorria, o Boi chegou. Semana Santa: Não é peixe, nem é carne, pode comer à vontade. E assim o motel foi entrando no cotidiano da cidade com humor e marcou época.



Rodrigo Dowsley, um dos três filhos de Alcyony

**VACINE A GATA
DA SUA SOGRA!
RAIVA MATA**



Empresários amigos ouvem muitas das tiradas inteligentes de Alcyony. Abaixo, ouve o então ministro Aluizio Alves



MOTEL TAHITI

INFLAÇÃO ZERO. VAMOS TODOS AJUDAR. BRASIIIL, BRASIIIL MOTEL TAHITI



Zombando do fisco

Com o sucesso das faixas foram surgindo pedidos de apoio para boas-vindas em congressos que começavam a ser realizados em Natal. Como o motel não tinha agência, era o próprio Alcyony quem criava tudo e o resultado marcava com o sucesso das mensagens em duplo sentido. No congresso de auditores fiscais, por exemplo, as faixas davam boas-vindas e causavam um rebuliço na cidade, pois diziam: “Nem Ali Babá reuniu tantos...”

Até hoje se questiona quem teria coragem para tanto. O fato é que Alcyony Dowsley, como todos os contribuintes, tinha bronca com o leão, por não se confirmarem os impostos recolhidos revertidos para o bem comum do cidadão. Apesar de extrovertido, o empresário sempre foi muito politizado, defensor da inflação zero.

Ninguém sabe se por causa das faixas de saudação ao fisco, o fato é que certo dia ele foi informado que tinha um fiscal da Tributação na porta do motel. Com seu reconhecido bom humor, ligou para o secretário de Tributação da época, Francisco Rêgo, e disse: - “Chico, colocaram um “xoxotímetro” na porta do motel, o que eu faço?”. O certo é que nunca mais apareceu nenhum fiscal na porta do motel.

Com o lançamento da Sunab, pelo governo federal - órgão semelhante ao que é hoje o Procon -, surgiu uma campanha publicitária solicitando que as pessoas denunciasses quem praticasse preços abusivos. O Motel Thaiti foi denunciado pelo preço da Coca-Cola. Ao ser informado por um funcionário da presença de uma fiscal da Sunab no motel, motivada pela tal denúncia, Alcyony pediu que a levassem para a melhor suite, conhecida como Suite A, onde a recebeu com balde de inox repleto de gelo e seis refrigerantes da marca super gelados, taças, ambiente refrigerado, agradável música ambiente, tudo

para quebrar o clima.

A fiscal explicou que estava ali por causa da tal denúncia e ele, na mais pura educação e ironia fina, disse, sério: - “Esse comparativo que a senhora está fazendo é com a Coca-Cola vendida em Ponta Negra. Lá senhora toma a Coca-Cola num sol quente, com os pés descalços, todo sujo de areia, suando. Aqui, a senhora toma assim - mostra o balde e continua -, tem ar-condicionado, um clima gostoso e ainda toma a Coca-Cola nu. A senhora ainda quer comparar? Não pode ser o mesmo preço?”. A fiscal entendeu, foi embora e o motel nunca foi multado.



O sucesso das frases criativas rendeu a Alcyony convites para ser palestrante em diversos eventos

Como chegar aos 50, sem sair de cima.

Foto: arquivo do jornal do Diário de Natal. Reprodução em edição de "Bzzz" de 08/12/2014. Foto: J. Silva

Amanhã, o Diário de Natal completará 50 anos. Cinquenta anos sem sair de cima da notícia, do furo de reportagem, do inusitado e da verdade. Foi assim que o Diário de Natal conseguiu. É mole ou quer mais?



Publicitário nato

Apesar das inúmeras faixas e outdoors, o Motel Tahiti nunca teve agência de publicidade, ele criava tudo. “Papai não tinha agência de publicidade, a gente tinha uma oficina que fabricava as peças em madeira, em alguns momentos ele pedia opinião de alguns amigos, mas a opinião dele sempre prevalecia. Ele não gostava muito de ser censurado. Nos 50 anos do Diário de Natal (o mais antigo jornal da cidade que já saiu de circulação), ele fez um anúncio e não foi permitida a publicação. Ele mandou rodar milhares, tipo panfleto, e distribuiu pela cidade”, lembra Rodrigo Dowsley.

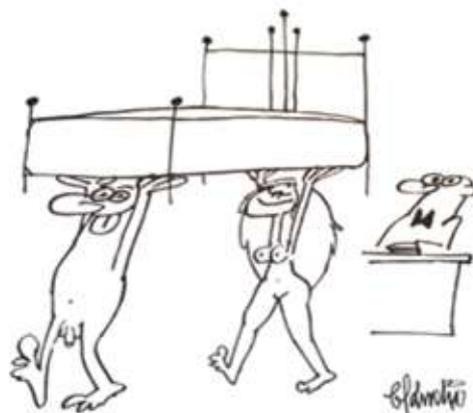
O que dizia o anúncio? Simplesmente genial: “Como chegar aos 50, sem sair de cima.

Amanhã o Diário de Natal completará 50 anos. Cinquenta anos sem sair de cima da notícia, do furo de reportagem, do inusitado e da verdade. Foi assim que o Diário de Natal conseguiu. É mole ou quer mais?”

Alcyony Dowsley era apaixonado por Natal, fazia outdoors com mapas, fixava na então mais badalada praia do Rio Grande do Norte, Genipabu, e no Centro de Turismo, que funciona na antiga casa de detenção da capital. Por diversas vezes convidado para ocupar cargos públicos na área do turismo, sempre recusou.

Uma das frases marcantes de suas campanhas para o setor de turismo foi: Turista merece casa, comida e roupa lavada. Carinho nele.

QUALQUER PEÇA LEVADA COMO SOUVENIR, QUEBRADA, QUEIMADA OU DANIFICADA, SERÁ COBRADA NA PORTARIA DE SAÍDA





A família

Alcyony Dowsley demorou para se acostumar com seu nome. Por dois motivos: primeiro que no Brasil seu nome é tido como de mulher e, quando se acostumou, todo mundo escrevia errado. Demorava para ele explicar que Alcyony é de origem irlandesa e por isso se escreve com dois y.

Em Natal constituiu sua família ao lado da esposa Vera Dowsley. Tiveram três filhos: Rodrigo, Marcelo e Renata. Todos moravam no motel, o que era motivo de chacota, principalmente para Renata, a única filha.

Durante muitos anos o motel foi um negócio rentável para família, Dowsley era um ótimo vendedor, um marqueteiro nato, mas precisava de bons funcionários para administrar. Por não conseguir achar colaboradores à altura e já estar cansando, sem o mesmo pique para voltar a investir e se modernizar depois de 20 anos no ramo, Alcyony decidiu fechar as portas no ano de 1995.

E o ano de 2001 foi o ano de tristeza para os amigos e para a cidade. Morreu Alcyony. Diabético, teve problemas renais. O laudo constatou morte por falência múltipla dos órgãos.



Alcyony com os três filhos - Marcelo, Renato e Rodrigo - e o badalado colunista social à época jornalista J. Epifânio



O empresário sempre participava das festas em Natal

SEJA HOMEM!
DEIXE DE FUMAR.
ESSE TABACO MATA



Com o sucesso das frases das publicidades do motel, alguns clientes, como uma brincadeira, começaram a também criar frases pelos muros da cidade

Desapropriação

Na primeira gestão do atual prefeito Carlos Eduardo, o Município desapropriou a área do motel e construiu uma lagoa de captação. Pagou à família em potencial construtivo. “É uma espécie de terreno virtual. Ela desapropria e entrega uma carta de crédito válida não em dinheiro,

válida em potencial. Por exemplo, chego para uma construtora que vai construir em Capim Macio e posso adensar, colocar meu potencial e fica mais atrativo porque pode construir mais unidades. É um processo lento, mas estamos sempre trabalhando. É um poder de construção que posso transfor-

mar em várias áreas, nada é tão vantajoso como você ter negócio que trás receita. Você perdeu um bem, parece que você não é dono das coisas, não consegue ter o retorno à mesma altura e vem tudo fracionado, mas foi uma transação honesta e justa”, explica Rodrigo Dowsley.



Local onde era o Motel Thaiti hoje é uma lagoa de captação

**COMA DUAS E
PAGUE UMA
PROMOÇÃO DE
ALMOÇO EXECUTIVO**

**O BOM
DERRUBA
DENTRO
VAQUEJADA
DE JUCURUTU**



Motel zoológico

No jardim eram criados gansos, pavão e faisão, todos soltos. Várias árvores e muitos coqueiros. A água de coco servida no motel era retirada do coqueiral do terreno do motel e todos elogiavam por ser muito doce. Em tom de brincadeira, Alcyony disse o que virou lenda: que a água de coco do Tahiti era doce por ser regada com sêmen, já que todos os apartamentos tinham piscina, onde o cliente enchia com água e, ao sair, a piscina era esvaziada e a água servia

para aguar o jardim do motel. Então, ele brincava que o adubo era sêmen.

O motel possuía apenas seis suítes, mas o luxo não era o que imperava. As pessoas elogiavam bastante a cozinha, o conforto, a limpeza. Como bom marqueteiro, Alcyony Dowsley dizia aos amigos que no seu motel tinha a suíte circo do amor, que tinha gangorra e cavalinho, mas não tinha nada disso. O que ele queria dizer é que existia amor. Prazer.



**PAI, LEVE MÃE
PRO TAHITI.**

**ELA, TAMBÉM,
MERECE!**

**NÃO TROQUE
DE MULHER.
TROQUE DE
AMBIENTE**

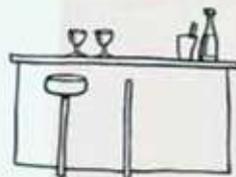
Alcyony



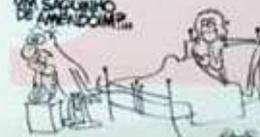
**CONSULTE NOSSO CARDÁPIO
EM CIMA DA MESA DA SALINHA**



**USE O TELEFONE
PARA TODA E QUALQUER
SOLICITAÇÃO**



**SOBRE
O QUE
FAZ
O
MOTEL
TAHITI
SER
DIFERENTE**



A velha e desconhecida travessa Pax

Rua, mais antiga da capital some debaixo do trânsito

Por Sérgio Farias

Foto: Francisco José de Oliveira

RUAS, EMBORA NINGUÉM QUASE se dê conta, têm lá sua hierarquia. No topo estão as avenidas – largas, asfaltadas, com trânsito intenso e canteiros ornamentados: são as vitrines da malha viária. As ruas mesmo, mais estreitas, podem ser ladeadas por uma ou duas calçadas e se prestam – em tese – mais ao ir e vir de pessoas que de carros. E há ainda as travessas. Que assim como os becos, se encontram em avançado estágio de extinção no moderno traçado urbano, avesso a tais sutilezas.

A travessa mais antiga de Natal, batizada “Pax” – em homenagem a um vizinho ilustre, o inventor Augusto Severo – fica ali no Centro, bem ao lado do bem cuidado Solar Bela Vista. Tombada como parte do sítio histórico da capital, a velha via, cujo piso de pedras de arenito, trazidas da praia do Forte, remonta ao século XVIII, some a olhos vistos. Nem a chancela do status de “patrimônio” mereceu o cuidado – nem o mais elementar – das autoridades do setor até agora. Na prática, a

travessa Pax é via de escape para motoristas que querem chegar mais rápido ao Alecrim ou voltar para a Zona Sul, vindos da Avenida Rio Branco.

O vai e vem de carros sobre o piso irregular, feito para quem andava a pé, a cavalo ou em charretes, vai deixando marcas nos poucos e seculares metros da travessa. Em alguns trechos, há buracos e a areia aflora. Noutros, as pedras foram unidas com cimento. Guardadores de carro as arrancam pra marcar os pontos nas ruas vizinhas. Na calçada principal, ao lado do Solar, o mato cresce à solta.

É a imagem que a pedagoga Glória Navarro vê todos os dias. Ela coordena um projeto social mantido por um plano de saúde, na única casa da travessa Pax. O projeto atende crianças carentes, mas também distribui sopa e café da manhã aos moradores de rua que costumam se reunir no local. “Em troca, eles varrem a rua e recolhem o lixo. Porque a coleta não passa aqui.” As caçambas não passam

por ordem da Prefeitura. Justamente para não danificar o piso da travessa. Porém, nas palavras de Glória, "a medida é absolutamente inócua." "Aqui passa carro de tudo que é tamanho. Fico triste, porque é descaso com a nossa história, a nossa história mais antiga".

O IPHAN, que responde pelo Patrimônio Histórico, reconhece o problema mas aponta os impedimentos da lei para a falta de ações de emergência. "Quando um bem é tombado, ele não é transferido para nós. A travessa é propriedade do município e a manutenção dela – portanto – cabe à Prefeitura", explica Onésimo Maia, superintendente do IPHAN para o Rio Grande do Norte. "Desde o ano passado, temos cobrado à SEMOB, algum tipo de ato administrativo para disciplinar o tráfego na travessa Pax". As medidas vão desde o fechamento da via para o trânsito até a liberação restrita, apenas para pedestres e ciclistas. Além de eventuais interdições para realização de eventos culturais.

Elequicina Santos, secretária da Semob, é taxativa: a prefeitura não pode prescindir da travessa para facilitar o trânsito cada vez mais complicado no centro da cidade. A Secretaria apresentou um projeto ao PAC das Cidades Históricas, que contempla a travessa Pax. O projeto, da arquiteta Fátima Arruda, prevê a liberação parcial de metade da via para os carros, que receberia pavimento adequado para suportar a carga dos veículos. A outra metade ficaria com o piso original, em pedra de arrecife. "É o jeito mais viável pra resolver a situação".

É sofrido o destino da travessa Pax. O taxista Francisco das Chagas Rodrigues, que circula pela rua todos os dias, reclama dos danos ao automóvel. "sofre pneu, amortecedor, folga o carro todo". Como quase todo mundo que passa por ali, desconhecia que estava atravessando a rua mais antiga da cidade. "É a mais antiga? Pois então agora eu vou passar com mais carinho". Ela merece.



LINDOS VERDES

vales

A cidade de Ceará-Mirim foi berço da aristocracia canavieira, de onde saíram barões, escritores e nomes expressivos da política potiguar. De passado afortunado, o município hoje clama pela preservação de patrimônios abandonados diante do descaso das autoridades

Por Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo de família e Chrystian de Saboya

Engenho Mucuripe, no vale de Ceará-Mirim, propriedade de Denise Pereira Gaspar



OS LINDOS VERDES VALES

da cidade de Ceawrá-Mirim, a 28 quilômetros de Natal, revelam um passado do grande apogeu dos senhores de engenho. O município nasceu Boca da Mata, povoado em torno de mata virgem, onde seus primeiros colonos sobreviviam da plantação de subsistência e roçados de algodão. Ali se formou um pequeno núcleo comercial, dando origem às primeiras edificações. No entanto, relatos de pessoas mais idosas fazem repensar a história de que tudo tenha começado naquele ponto.

Há indícios de que as primeiras edificações surgiram na localidade conhecida como Veríssimo, onde existia uma feira e, no entorno dela, residências, engenho e cadeia. O núcleo cresceu e as primeiras edificações foram erguidas ao longo das estradas existentes. O solo fértil e bem adaptado para a plantação da cana-de-açúcar possibilitou a instalação de várias engenhocas e banguês ao longo do vale.

O surgimento dos pequenos engenhos contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico daquele pequeno povoado. Os senhores de engenhos instalados no vale iniciaram uma luta para trazer a estrada de ferro para escoar suas produções e, também, um meio de diminuir a distância da província. Até então, o transporte era feito em lombo de animal, troles e carros de boi.



Engenho Murcuripe retratado pela artista plástica Goreth Caldas





Solar Antunes, hoje sede da Prefeitura

Tempos de casarões

O arraial canavieiro teve grandes incentivadores do crescimento econômico, social e cultura. Um deles era o Coronel José Antunes de Oliveira, homem abonado, de personalidade forte e austera. O industrial e a esposa Joana Soares de Oliveira tiveram quatro filhos: Maria Magdalena Antunes Pereira (escritora e poetisa), Etelvina Antunes de Lemos (poetisa), Ezequiel Antunes de Oliveira (médico do Exército) e o boêmio Juvenal Antunes de Oliveira, esse preguiçoso, namorador e o maior poeta parnasiano do Rio Grande do Norte. Moravam no Engenho Oiteiro, até que, anos depois, o coronel encomenda uma planta de sua residência a um arquiteto francês, para onde se mudariam. Não poupou luxo e

requisite para a nova morada.

O solar da família foi construído no ano de 1888, em estilo neoclássico, belo e imponente, fincado no centro da cidade, para contemplação dos mortais. O casarão tem planta retangular, em dois pavimentos, com cobertura de duas águas e fachadas decoradas com “fingidos” realizados em massa e frontões triangulares, nas laterais. Na entrada principal, com desenho simétrico, destaca-se uma bela porta ladeada por duas colunas. Abaixo do frontão em arco, a inscrição: ANTUNES. Nos lados, quatro janelas e no andar superior são cinco janelas em madeira e vidros.

Família de veia poética, não demorou muito para a residência virar celeiro cultural. O

épico imóvel testemunhou bailes, jantares e saraus nos salões do clã Antunes. Quando o coronel morreu, deixou o imóvel para a viúva Joana Soares, que passou posteriormente para Juvenal Antunes, que o vendeu ao sobrinho Ruy Antunes Pereira (filho de Magdalena), em 1937, que, por sua vez, comprou-o para seu filho Ruy Pereira Júnior pela elevada quantia de 10 contos de réis. Num gesto desprendido e já como prefeito da cidade, em 7 de novembro de 1975 (dia do seu aniversário), o novo proprietário passou o palacete à edilidade cearamirinense. Após sua restauração, tornou-se a sede oficial da Prefeitura de Ceará-Mirim. Foi tombado no ano de 1988, considerado patrimônio histórico e artístico do Estado. Ainda conserva todas as características da construção original.



Coronel José Antunes de Oliveira



Escritora Maria Magdalena Antunes



Dr. Vicente Inácio Pereira

Ilustre e vanguardista

Numa sociedade patriarcal, onde a lei do machismo predominava, surgiu uma mulher que dominava as palavras e a escrita. Oriunda de família burguesa, Maria Magdalena Antunes Pereira era uma mulher à frente do seu tempo. Foi aluna interna do Colégio São José, no Recife, capital de Pernambuco, onde estudavam as filhas de famílias abastadas.

Gostava de escrever e logo passou a colaborar com escritas para um jornal artesanal de Ceará-Mirim, assinando com os pseudônimos de Corália Floresta, Hostênsia e Ildarisa Flores. Casou-se com o industrial da cana-de-açúcar Olympio Varela. O casal teve cinco filhos: Abel Antunes Pereira, Ruy Antunes Pereira, Vicente Ignácio Pereira,

Maria Antonieta Pereira Varela e Joana D'Arc Pereira do Couto. Alguns anos mais tarde, muda-se do engenho Oiteiro, com a família, para Natal, instalando-se na casa da Av. Hermes da Fonseca, 700, Tirol.

A Convivência com intelectuais do naipe de Luís da Câmara Cascudo, Manoel Rodrigues de Melo, Esmeraldo Siqueira, Veríssimo de Melo, Nilo Pereira (sobrinho diletto) atizou sua vontade de escrever um livro e lançar. Começou escrevendo e organizado em manuscritas folhas de papel almaço. Em 1958, lançou o livro "Oiteiro" - memórias de uma sinhá moça. Detalhe que nesse tempo sua saúde já era fragilizada, com uma perna amputada em decorrência de trombose. Morreu no dia 11 de junho 1959.

O fidalgo

No Engenho Guaporé fixou residência o Dr. Vicente Inácio Pereira, o segundo norte-riograndense a se formar em Medicina. Também foi jornalista, deputado provincial e vice-presidente da província. No casarão, morou com a esposa Dona Isabel Augusta Duarte Varela (Dobé), neta de Manoel Varela do Nascimento e Bernarda Varela Dantas, os verdadeiros barões de Ceará Mirim. Tempos de fartura e alegria com os filhos Olympio Varela (casou-se com Magda-

lena Antunes), Riquete Varela Pereira e Fausto Varela Pereira (pai de Nilo Pereira)

Como médico, Vicente Inácio deixou valiosa contribuição científica: "Estudo do Cólera Morbus, sua Profilaxia e seu tratamento", Impresso na tipografia "Dois Mundos", em 1878. No campo político, destacou-se pela lealdade ao seu partido, o Liberal. Como senhor de engenho, nunca deixou o Vale do Ceará-Mirim. Não se deixou seduzir pelas grandes

idades, enraizou-se à sua terra e, ao lado de outros proprietários, iniciou o ciclo-econômico do açúcar no Ceará-Mirim. Morreu no engenho Guaporé em 22 de novembro de 1888.

“Já não vale insistir na grandeza daquela velha casa, onde Vicente Inácio Pereira lutou para que a civilização da cana-de-açúcar fosse uma constante do progresso, economia e o mais poderoso fator da aristocracia rural. O melhor é deixá-la adormecida ao longe como um castelo de ilusões sobre o qual pairam invisíveis mãos de bondade e cavalheirismo. Essas mãos suspensas sobre seus destinos, revelando uma solidão de claustro. É o que resta de uma vida brilhante, que se apagou num enigma”. Palavras do neto Nilo Pereira.



A antiga casa de banho do casarão



O atual estado deplorável da casa grande do Engenho Guaporé

Lamentável descaso

A mesma preservação não teve a bela Casa Grande do Engenho Guaporé, incrustada no alto de uma colina, em pleno vale do Ceará-Mirim, adquirida pelo médico Vicente Inácio Pereira, em 1850, com história que remete não apenas ao áureo tempo de bons frutos financeiros, mas também à política.

Por lá passaram destacadas figuras do segundo Reinado, dos partidos liberais e conservadores, e do clero. Um exemplar da aristocracia rural do Vale do Ceará-Mirim. Construída no estilo neoclássico,

comportava três salas de frente - o salão nobre com os retratos da família, o piano de cauda, paredes de veludo, chapeleira com espelho de cristal, mobília em jacarandá, lustres de cristal, telas de artistas estrangeiros, cristaleira com copos e jarras de cristal em cores variadas e peças decorativas em porcelana. Do lado de fora, dois galgos de louça sobre duas colunas na entrada do casarão que, segundo Nilo Pereira, “pareciam humanos, como se vissem, ou vissem e falassem”.



O Engenho Guaporé atualmente é o museu Nilo Pereira

Nem de longe o Engenho Guaporé. Hoje museu Nilo Pereira (neto de Vicente Inácio), não há sequer resquícios da época do fausto da economia da cana-de-açúcar. Abandonado pela Fundação José Augusto. Morcegos, cupins e maribondos são hoje os senhores do Engenho Guaporé. O casarão agoniza. Praticamente em ruínas. Portas abertas e quebradas, janelas e vitrais destruídos, muito fruto de atos de vandalismo. O mato entranha-se. Uma lástima.

Em 1978, o casarão foi cedido à Fundação José Augusto e à prefeitura, pela usina Companhia Açucareira do Vale do Ceará Mi-

rim, a quem o terreno pertence. A FJA implantou um museu com o nome de Nilo Pereira e tombou o monumento dez anos depois. Mas, o descaso das autoridades com o patrimônio histórico faz vítima o casarão do Engenho Guaporé. Em 2011 foram alardeadas as tais obras. Governo do Estado, prefeitura e governo federal anunciaram planos para o imóvel que sediou o Museu Nilo Pereira, mas não há projeto de restauração em curso. A pouca mobília que restou do Guaporé está na Pinacoteca do Estado, umas peças para serem restauradas, outras em exposição, mas sem nenhum referencial histórico para situar o visitante.



Nilo Pereira em pose com os famosos Galgos do Guaporé



Os Galgos de louça se encontram na fazenda Nasçença, espólio do usineiro Roberto Varela

NÃO É SÓ TIMIDEZ

Fobia social: transtorno que pode prejudicar – e muito – a vida das pessoas algumas vezes é abordado de maneira equivocada. O que é esse mal e como tratá-lo

Por Alice Lima





O QUE DEVERIA SER uma aula comum de química no Ensino Médio se transformava em horas de pânico. “O professor falava para ir ao quadro e eu já me sentia exposto e vulnerável. Meu coração disparava e ficava esperando o momento que iriam rir. Algumas pessoas chegavam a se sentir mal por mim, pois eu tinha asma e às vezes acaba tendo crise naquele momento”, lembra Jonas*. Embora para alguns pareça comportamento comum para um adolescente, as sensações demonstram um problema que está além da timidez e pode provocar sérios transtornos na vida – a fobia social.

De acordo com a psicóloga Julita Sena, trata-se de um quadro de ansiedade que gera a conduta de evitar grupos por um medo irracional que quem sofre do mal tem de se comportar de forma constrangedora e ser recriminado pelos demais. É esse medo do ridículo que fazia Jonas evitar a socialização e atividades com outras pessoas. Quando seu transtorno de ansiedade passou a se expressar fisicamente, na 2ª série do Ensino Médio,

começou a fazer terapia. Durante as sessões, embora mais voltadas à ansiedade, tratou a fobia social. Ainda não se sente completamente à vontade nos ambientes em que vive, mas há profunda melhora agora na faculdade em relação aos tempos de escola. “Tomava ansiolíticos, mas acho que não ajudavam. Comecei a trabalhar em um ambiente que me faz bem e dar aula ajudou muito”, explica Jonas.

Assim como acontece com outros transtornos psicológicos, a falta de conhecimento pode gerar a falsa ideia de que “isso é coisa da cabeça, psicológico” e demais afirmações de quem não entende exatamente o que a pessoa está passando. Contudo, as consequências da fobia social são bastante reais, assim como todas as marcas que caracterizam a ansiedade. “Os sintomas clássicos de um quadro ansioso como taquicardia, sudorese, falta de ar, tontura, apertos no peito, ânsias de vômito e desconfortos no sistema digestivo. Além disso, humor e cognição podem ser severamente comprometidos” alerta Julita.



O que se perde

Para quem sofre de fobia social, realizar atividades consideradas simples para outras pessoas pode ser uma missão impossível. Rodrigo* conta que apenas na 3ª série do Ensino Médio conseguiu apresentar o primeiro trabalho em sala de aula sem passar mal. Na cidade em que nasceu e morou até começar a faculdade, nunca foi ao cinema. A ideia de muita gente desconhecida concentrada o apavorava. Ele chegou a perder oportunidades de trabalho por pensar que todos estariam olhando-o e analisando o seu desempenho.

Para conseguir viver, buscou

a estratégia de “vestir um personagem”. “Ser o centro das atenções era um problema. Tinha medo do ridículo todo tempo. Passei a fazer piadas durante as apresentações e fui me livrando. Visto um personagem da minha fobia social, inseguro, mas fazendo graça o tempo todo. Aprendi a lidar com boa parte das coisas. Festas ainda me causam desconforto, mas não acho mais que está todo mundo me olhando e já não tenho mais palpitação ou suor nas mãos”, define Rodrigo, que hoje trabalha com comunicação organizacional e precisa lidar constantemente com o público.

“

Ser o centro das atenções era um problema. Tinha medo do ridículo todo tempo. Passei a fazer piadas durante as apresentações e fui me livrando. Visto um personagem da minha fobia social, inseguro, mas fazendo graça o tempo todo.”

Rodrigo*



Causas e o que fazer

Dizer o motivo exato não é fácil. A psicóloga Julita Sena explica que é muito importante que a causa seja investigada de forma individualizada para que o tratamento também esteja de acordo com o quadro específico e demandas. “Estudos recentes apontam fatores genéticos, mas os aspectos relacionais e ambientes são predominantes”, explica.

Os sinais podem vir desde o desenvolvimento infantil, predominantemente marcado pela socialização da criança. “Caso os pais observem algo como isolamento, reclusão, recusa a participar de atividades grupais acompanhada de muita resistência e angústia, oriento que procurem um profissional especializado e qualificado no atendimento desse público”, complementa Julita.

Alguns medicamentos ansiolíticos são indicados e têm apresentado bons resultados em pacientes que sofrem do mal. Porém, antes disso, a recomendação é que procure o auxílio de profissionais da psicologia e psiquiatria. “É importante uma investigação com o psicólogo para compreensão elaborada das causas dos sintomas, suas manifestações e possibilidades de tratamento. Vale chamar a atenção para que o profissional da psicologia esteja atento à importância de uma intervenção medicamentosa em alguns casos e que o profissional da psiquiatria esteja sensível à necessidade da psi-



Julita Sena, psicóloga, explica como lidar com o transtorno

coterapia para o acompanhamento mais adequado, o que leva ao controle dos sintomas e estabilização do paciente”, esclarece Julita.

A psicoterapia individual, especialmente no período inicial ou de maior manifestação dos sintomas, deve ser prioridade. Segundo a profissional, as psicoterapias grupais podem ser fundamentais para o apoio e identificação de um sujeito com outro, o que facilita a compreensão de quem vive a situação. Além disso, atividade física e alimentação saudável auxiliam no equilíbrio do metabolismo e de componentes fi-

siológicos que podem contribuir ou comprometer ainda mais aquilo que sente o paciente.

Vale destacar que as pessoas que têm fobia social não perdem a consciência sobre seus pensamentos e sensações. Também por isso, o tema pode e deve ser conversado com outras pessoas, o que pode ajudar no caminho de esclarecimentos sobre a necessidade de auxílio profissional. Estimular essa busca e manter o acompanhamento é fundamental.

*Os nomes reais foram preservados.



Os anfitriões Tereza e Henrique Fonseca

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

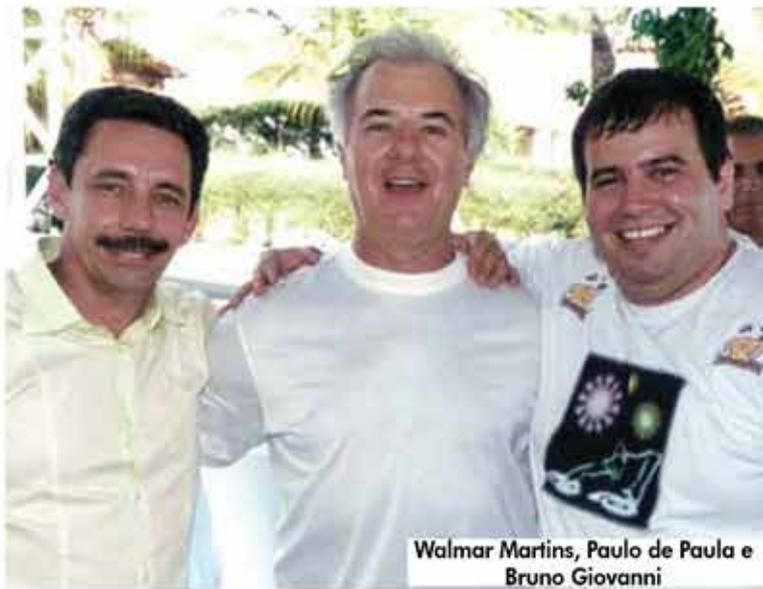
Fotos: Arquivo pessoal

SHOW DA VIRADA

O casal Teresa Guerda e Henrique Fonseca abriram os salões da casa de de veraneio em Pirangi para a grande festa da virada do ano de 2001 para 2002. Naquele ano, a celebração do réveillon foi em grande estilo. Vernistas do litoral potiguar, de Norte a Sul, se organizaram para o evento, que movimentou o Estado. O buffet ficou por conta da Nick e o Dj Bruno Giovanni levou todos à pista de dança.



Beta e Marino Eugênio na pista de dança



Walmar Martins, Paulo de Paula e Bruno Giovanni



Tereza Guerda, Sovânia Monte e Rafaela Rosito



As primas Odete Guerra e Zélia Medeiros



Gina e Alexandre Tinoco com Magali e Luciano Medeiros

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

A noite do dia 24 de maio de 2006 ficou marcada para Pedro Cavalcanti. Uma festa surpresa organizada pela família e amigos. Ele achava que era apenas um jantar com a família, mas quando entrou nos salões do Hotel Ocean Palace era esperado por 450 convidados. A emoção e o choro tomaram conta do médico que entrava na idade de ouro - 50 anos. Para abrihntar a noite, o show do cantor Fagner, que foi presente dos amigos. O cinquentão apaixonado por carros antigos ganhou de presente da família um Maverick LDO, duas portas, motor V-8, ano modelo 1977.

PUBLICADA EM MAIO DE 2014



Os anfitriões Valéria e Pedro Cavalcanti



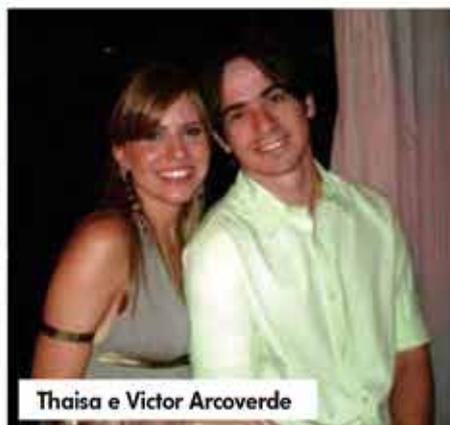
Pedro Cavalcanti e o cantor Fagner



As primas Cláudia Rebello e Elinor Alecrim



Dona Titi Cavalcanti com o filho Pedro



Thaís e Victor Arcoverde



Ministro Garibaldi Alves e Alexandre Sales



Soraya e José Rosendo



Eduardo Gadelha, Elias Fernandes, Kleber Moraes e Sinval Dias



ODEMAR GUILHERME CALDAS NETO
 Diretor da Execom Agência de
 Comunicação e Presidente do Sinapro/RN

No RN, comunicação é “on”, pessimismo “off”

Chegamos ao meio do ano, e no momento em que alguns países ainda encaram o futuro dos negócios com hesitação e o Brasil, em particular, se recupera passo a passo do baque pandêmico, o Rio Grande do Norte vê com otimismo os primeiros sinais da aguardada recuperação.

Graças à multiplicidade de formatos, o Estado engatou a primeira e sai da quase estagnação do setor, com atitude para gerar novas demandas e produzir resultados impensáveis ou que sequer eram cogitados até o início do quarto trimestre de 2020. Nesse cenário, a chamada “comunicação 360º” teve como principais mecanismos, a digitalização dos negócios e a intensificação do uso de canais digitais. Sim: permanecemos “on”, apesar das turbulências.

Novos formatos de trabalho e de integração começaram a se consolidar, sem comprometer o processo de entrega. Como já se conclui de outros mercados no reinício pós-pandemia, mesmo com o trabalho praticamente remoto, a produtividade surpreendeu, contrariando a antiga visão do presencial como fator indispensável ao motor criativo.

A prática do distanciamento social multiplicou o trabalho “home office” na busca por soluções criativas fortalecidas graças ao crescente investimento em tecnologia de forma a encurtar as distâncias em prol da produtividade. Hoje uma indiscutível realidade no mercado potiguar, o fortalecimento do “on-line” contribuiu para a clara percepção de que o

chamado “exercício publicitário” precisava ser revisto sob o ponto de vista da própria sistemática adotada.

Espontaneamente, a capacidade de tomar decisões ainda mais rápidas e assertivas, prova que as agências continuam como peça primordial no papel de contribuir, de fato, com os negócios. Para o decorrer de 2021, o plano é dar continuidade ao fortalecimento do Sinapro/RN, atraindo novas agências que crescem e aparecem no mercado local. Outro pensamento, é retornar com o Prêmio Bárbaro, a fim de incentivar o processo criativo local.

Por meio da sinergia resultante de todo um processo de readequação física e produtiva, o equilíbrio foi reconquistado. A transformação ocorre em escala regional, mediante processos que envolvem a mídia “on” aliada a fatores como métrica e análise pontual de dados na tomada de decisões e na soma indispensável da mídia “off” para uma comunicação integrada. Em síntese, no Rio Grande do Norte o setor tende a crescer!

experimente
É GRÁTIS

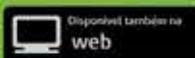
Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais



www.boraler.com.br



**Mais de 200 revistas por apenas
R\$ 22,90/mês.**



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse goread.com.br
ou baixe o aplicativo.

